

PENSANDO NOSSA CASA: PRÉDIO DA GEOGRAFIA E HISTÓRIA



FOTO: LEONARDO BRUNO

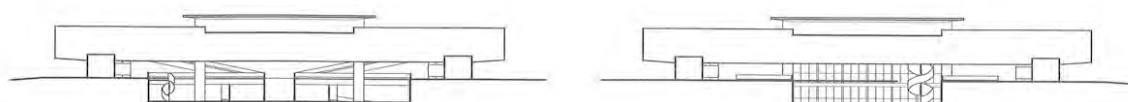
ORIENTADORA: PROF. DRA, SIMONE SCIFONI
THAÍS MONTAGNA TAVARES
2020

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

THAÍS MONTAGNA TAVARES

Pensando nossa casa: prédio da Geografia e História

Thinking about our house: the Geography and History building



Fonte: GFAU (Org.). *Corredor das Humanas*. São Paulo, 2009. 50 p.

São Paulo
2020

THAÍS MONTAGNA TAVARES

Pensando nossa casa: prédio da Geografia e História

Trabalho de Graduação Individual (TGI)
apresentado ao Departamento de Geografia da
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
da Universidade de São Paulo, como parte dos
requisitos para obtenção do título de Bacharel em
Geografia.

Área de Concentração: Geografia Humana

Orientadora: Prof. Dra. Simone Scifoni

São Paulo
2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

T231p Tavares, Thaís Montagna
 Pensando nossa casa: prédio da Geografia e
 História / Thaís Montagna Tavares ; orientadora
 Simone Scifoni. - São Paulo, 2020.

64 f.

TGI (Trabalho de Graduação Individual)-
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
da Universidade de São Paulo. Departamento de
Geografia. Área de concentração: Geografia
Humana.

1. Arquitetura moderna. 2. Bens Públicos. 3.
Geografia Urbana. I. Scifoni, Simone, orient. II.
Título.

Dedico este trabalho ao lugar que me inspirou, me abrigou e foi palco de grandes aprendizados que levarei para sempre.

Foi, é e será!

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por toda a estrutura que me permitiu trilhar os caminhos que passei e por sempre me darem todo o apoio e amor que nunca faltaram.

Agradeço aos meus amigos, a família que a gente escolhe guardar na vida. Sem vocês muitas histórias não seriam possíveis. Obrigada por todos os momentos de desabafo, favores pedidos, copos esvaziados, declarações de amor. Em especial para as mulheres que tingem a minha vida. Lígia, Fernanda, Isabela, Marina, Bianca, Letícia, Beatriz, Ana, Nalu, Mariana, Gabrielle, Mariane e um especial para a Maíra, que corre do meu lado sempre.

Agradeço ao ritmo por sempre me mostrar a batida e me socorrer de mim. “A música tem o dom de curar e salvar.”

Ao coletivo que me trouxe o sentimento de pertencimento, ao qual devo grande parte do que sou hoje, sem vocês esse lugar não faria o sentido que faz. Minha sempre amada Bateria Manda-Chuva.

Por fim, à geografia, que transformou meu olhar e dentre muitas crises, sempre soube me encantar novamente.

Agradecimento especial aos meus gatos, que foram companheiros de trabalho. Eles quiseram escrever uma dedicatória: “ $\Delta \geq \dots \text{jah72n}$ ”.

RESUMO

TAVARES, Thaís Montagna. **Pensando nossa casa:** prédio da Geografia e História. 2020. 64f. Trabalho de Graduação Individual (TGI) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

O prédio que abriga os departamentos da Geografia e História foi pensado sob a ótica de uma arquitetura moderna, que pretendia criar espaços de convívio, onde ideais de livre pensar e harmonia entre os saberes conseguiriam transitar. Projetado dentro do que seria o Corredor das Humanas, os formatos geométricos e abertos transmitiriam ao público a modernidade que a década de 1960 representava para o contexto nacional. Toda essa história é, ainda hoje, pouco conhecida pelos que frequentam aquele edifício. Esse trabalho pretende registrar um tanto das narrativas presentes naquelas estruturas.

Palavras-chave: Prédio da História e Geografia, Corredor das Humanas, Arquitetura Moderna.

ABSTRACT

TAVARES, Thaís Montagna. **Thinking about our house:** the Geography and History building. 2020. 64 f. Trabalho de Graduação Individual (TGI) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

The building in which the departments of Geography and History are located was designed under the perspective of modern architecture, which intended to create spaces of conviviality, where ideals of free thinking and harmony among different areas of expertise would be able to co-exist. Designed within what would be the Humanities Corridor, the geometric and open shapes would transmit to the public the modernity that the 1960s represented for the national context. This whole story is, until today, little known by those who visit that building. This paper intends to present some of the narratives that live in those structures.

Keywords: History and Geography Building, Humanities Corridor, Modern Architecture.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 PARA COMPREENDER O PROJETO	10
2.1 Modernismo como construção de uma representação nacional	13
3 CIDADE UNIVERSITÁRIA, UM SÍMBOLO DO DESENVOLVIMENTO	19
3.1 “Corredor das Humanas, a poesia que poderia ter sido e não foi”	24
4 OLHAR DE QUEM VIVEU O PRÉDIO	27
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	40
ANEXOS A – Entrevistas	42
ANEXO B - Banco de imagens	62

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende fazer o resgate arquitetônico e historiográfico sobre a construção de um prédio educacional, resquício modernista em plena Universidade de São Paulo. Pensado para ser um conjunto de monumentos emblemáticos e representativos para a vida ativa da instituição, o Prédio da Geografia e História (colocado nessa sequência a fim de subverter a ordem frequentemente usada) projetado por Eduardo Corona em 1961 é remanescente do conjunto de iniciativas que tinham a intenção de transformar a realidade e propor uma nova maneira de abrigar as atividades relacionadas ao fazer universitário. Entretanto, um edifício em si possui características que podem ser modificadas e reafirmadas, pelo menos em parte, pela memória coletiva que um grupo tem de sua apropriação a despeito de sua potência estrutural. É a “apropriação coletiva de seus espaços aquilo que mais emociona e traduz o drama de sua existência.”¹

Esse grande projeto modernista chamava-se Corredor das Humanas e era constituído por um conjunto de prédios implantados sequencialmente, o que formaria uma esplanada de pedestres. Os interiores seriam estruturados a partir de grandes praças cobertas que abrigariam o complexo das Faculdades de História e Geografia até Arquitetura e Urbanismo, passando pela Filosofia e Sociologia, Letras, Geologia e Matemática. Toda essa sequência de marcos territoriais dispunha de uma série de soluções arquitetônicas que privilegiavam o encontro, a mistura dos usos e o convívio coletivo, como resgate ao princípio da cidade enquanto local de troca e encontro das pessoas. Quando transportada para o meio acadêmico, tal poética pode ser compreendida enquanto interdisciplinaridade, troca de conhecimentos e o livre pensar.

Apesar de toda a história envolvendo sua criação, pouco se fala sobre o tema nos corredores da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH). No entanto, as atividades do dia a dia usam aquele espaço de diversas formas abrangendo até uma comunidade externa ao cotidiano daquele espaço, transformando-o em local de referência dos movimentos estudantis, manifestações culturais, ações políticas e acadêmicas. Sob o mesmo teto que abriga discussões de diversas esferas sobre a produção dos espaços ao longo do tempo e do globo, encontra-se muito pouco das ciências ali abrigadas contando a história do seu próprio local, buscando entender o que é produzido entre suas rampas e passadiços.

¹ SÃO PAULO. Grupo Contravento. Secretaria da Cultura (Ed.). **Memória Moderna de São Paulo - Corredor das Humanas**. São Paulo: Grupo Contravento, 99 p. 2017. p.5.

Um lugar que abriga diferentes acontecimentos, notável desde sempre pelo debate político, pelas assembleias estudantis, as aulas públicas, as votações para o Diretório Central dos Estudantes (DCE), os atos, mas também pelas celebrações, *shows*, feiras do livro, brechós comunitários, apresentações de trabalho e exposições de arte. Sua ampla praça coberta já abrigou muitas histórias e é sem dúvida um marco no fazer universitário. Muitas vezes, estende-se para fora dos muros da instituição, mobilizando outras espacialidades e amplia sua zona de influência, seja pela notabilidade da instituição de ensino que a FFLCH representa, ou mesmo a própria USP, como pelo fazer cultural que também atrai diferentes grupos para aquele espaço, reforçando o caráter público. Ligando aprendizados ao longo do curso de Geografia e vivências tidas nos anos de graduação, esse trabalho aparece como uma ligação coerente entre o estudo e a prática experimentados ao longo da formação.

2 PARA COMPREENDER O PROJETO

O edifício Eurípedes Simões de Paula foi construído sob o contexto de efervescência na arquitetura, sobretudo no que veio a ser conhecido como a Escola Paulista. O projeto é datado de 1961, mas que na concepção política fez parte de um conjunto maior de intervenções - o Plano de Ação do Governo Carvalho Pinto (PAGE). Esse bloco de ações aconteceu no período entre 1959 e 1963 durante a gestão do governador Carlos Alberto Alves de Carvalho Pinto e teve um papel importante na transformação estrutural dos planejamentos em obras públicas. Além disso, este foi um período do governo de São Paulo onde o desenvolvimento econômico buscava estar atrelado a um propósito social.

A eleição de Carvalho Pinto sob a legenda do Partido Democrata Cristão colocou em prática o pensamento de uma economia mais humanista, oriunda da vinda do padre francês Louis Joseph Lebret ao Brasil. Com uma ideologia que buscava atrelar o bem-estar social à economia, Lebret foi fundador do Centro de Estudos *Économie et Humanisme*. Ademais, foi na Sociedade de Análises Gráficas e Mecanográficas Aplicadas aos Complexos Sociais (Sagmacs) que suas premissas foram aplicadas ao planejamento de cidades. Em 1952, o governador à época do Estado de São Paulo Lucas Nogueira Garcez contratou a Sagmacs para estudar possibilidades de desenvolvimento para o Estado, estreitando relações entre a instituição e o poder público.

No contato de Lebret com o Partido Democrata Cristão, Carvalho Pinto teve ainda mais contato com os pensamentos humanistas do padre e os incorporou em seu projeto de governo, propiciando uma plataforma que aliasse infraestrutura, incentivos à agricultura e à industrialização com programas sociais para levar o progresso também ao interior do estado, através da implantação e construção de serviços e equipamentos públicos. Os objetivos gerais são pontuados no texto de apresentação do projeto para a Assembleia:

Seu objetivo geral, como bem evidencia o seu conteúdo, é o de melhoria, aperfeiçoamento e atualização das atividades do Estado, colocando-as no nível necessário ao progresso paulista. Dirige-se a dois grandes grupos de finalidades: Investimentos para a melhoria das condições do Homem e Investimentos para a promoção do desenvolvimento. Enquadra-se, assim, o Plano em uma concepção integral e harmônica de desenvolvimento econômico e social.²

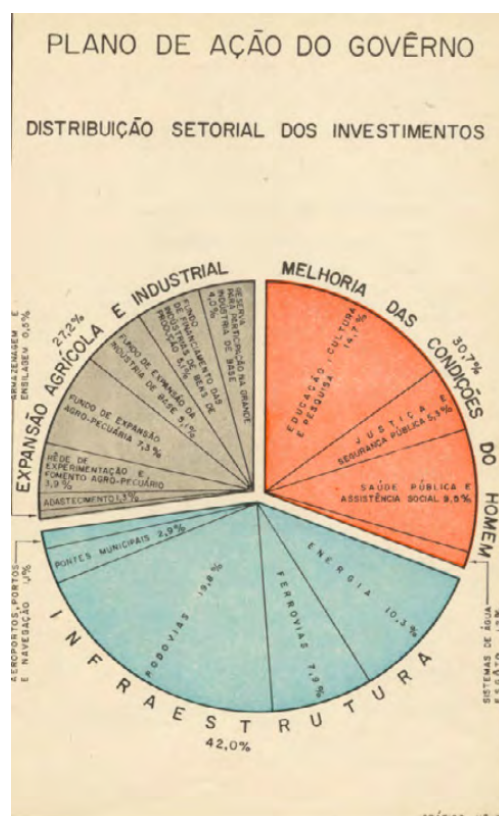
O PAGE foi um plano extenso de transformações em vários setores e foi estruturado a partir das necessidades reais dos órgãos da administração estadual. Assim como valorizou o

² PINTO, Carvalho. **Plano de Ação do Governo**. São Paulo: Imprensa Oficial, 1959. p. 18.

conhecimento de sua rede interna de funcionários, teve participação sem precedentes de diversos arquitetos autônomos que enriqueceram esteticamente as composições projetuais através de um acordo com o Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB). Tais processos estavam acontecendo em São Paulo, mas possuíam um alinhamento com a esfera federal, que estava em plena construção da nova capital do país Brasília, onde a consolidação da imagem de progresso e modernidade estava diretamente alinhada com uma arquitetura que promovia essa imagem. No escopo de São Paulo, cerca de mil projetos foram desenvolvidos e divididos em três setores de investimento:

Do ponto de vista dos investimentos, o PAGE foi organizado em três setores: 1- melhoria das condições do homem, que incluía as áreas de educação; cultura e pesquisa; justiça e segurança; saúde pública e assistência social; e sistemas de água e esgoto; 2- infraestrutura, abrangendo energia; ferrovias; rodovias; pontes municipais; aeroportos, portos e navegação; e 3- expansão agrícola e industrial, que cobriria as demandas de armazenagem e ensilagem, e de abastecimento, que criaria uma rede de experimentação e fomento agropecuário e que incentivaria a criação da grande indústria de base.³

Figura 1 - Distribuição setorial dos investimentos



Na primeira porção do Setor “Melhoria das condições do homem”, pode-se ver que “Educação, cultura e pesquisa” representam 14,7% da distribuição dos investimentos. A maior porção do gráfico está no setor de “Infraestrutura” com as Rodovias, que representam 19,8%.

³ CAMARGO, Mônica Junqueira de. Inventário dos bens culturais relativos ao plano de ação do governo Carvalho Pinto (1959-1963). In: **Revista CPC**, n. esp.21, p. 164-203, 29 jul. 2016. p.171.

Fonte: SÃO PAULO, Estado. Governo Carvalho Pinto. **Plano de Ação (1959 - 1963)**. p. 44.

Foram criados alguns fundos para viabilizar essas metas, como o de Construção da Cidade Universitária Armando Salles de Oliveira (FCUASO), de onde saiu o projeto de desenvolvimento da segunda etapa de construção da Universidade de São Paulo (USP) que estava parado havia décadas. Outras instituições foram instauradas na mesma fatia, como a Universidade de Campinas e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de S. Paulo (Fapesp). Nesse mesmo período, além de obras no interior do estado, a atual Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo (Ceagesp) também foi criada.

O PAGE foi uma novidade do ponto de vista do planejamento governamental. Através do “planejamento-orçamento”, os objetivos eram fixados e um programa de trabalho disciplinava o modo para atingi-los, assim como conseguir o financiamento necessário para completar as obras; articulava-se um grupo de trabalho contendo profissionais de diversas áreas, onde o projeto era executado em sua totalidade (arquitetura, engenharia, hidráulica, elétrica) com todos pensando juntos na execução. Apesar de parecer simples para o contexto atual, a prática foi bastante inovadora em seu tempo: “a idéia [sic] de planejamento no Brasil nem era difundida na época. Praticamente o trabalho de Carvalho Pinto foi o primeiro, de governo com objetivos, com metas políticas precisas, metas quantitativas, prazos, etc.”⁴

Entretanto, por mais que tivesse o seu papel inovador, o projeto foi elaborado em um contexto político, econômico e cultural onde o país buscava a transformação do seu padrão majoritariamente agrário para uma economia mais moderna e industrial. Para isso, o modelo econômico adotado foi o nacional-desenvolvimentismo:

[...] o modelo econômico adotado pelo país se configuraria num padrão desenvolvimentista-nacionalista, que se consolidava através da imagem de um país do futuro, ao mesmo tempo em que se unificava sob o manto da democracia e colocava o país num patamar diferenciado do resto do mundo, autonomia que se explicaria “porque estaria revestida de um projeto histórico, que postulava a recuperação do atraso”.⁵

A construção de símbolos que demonstravam a monumentalidade e traziam novas formas para a paisagem foi ganhando amplitude, pois assim a ideia de desenvolvimento transmitia-se de maneira também visual. As transformações em curso utilizavam o espaço

⁴ WHITAKER, 2007 apud CORDIDO, Maria Tereza Regina Leme de Barros. **Arquitetura Forense do Estado de São Paulo: Produção moderna, antecedentes e significados**. 2007. 343 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Escola de Engenharia de São Carlos - Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2007, p.61.

⁵ BUZZAR, 1996 apud BUZZAR, Miguel (coord.) Difusão da arquitetura moderna no Brasil: o patrimônio arquitetônico criado pelo Plano de Ação do Governo Carvalho Pinto (1959-1963). **Relatório do projeto de pesquisa referente ao Edital do convênio Condephaat/ Fapesp**, processo - 2011/51108-0. São Paulo, 2015, p.38.

construído enquanto meio de materializar o projeto desenhado no campo político, econômico e cultural do país. No contexto onde a transição demográfica era de uma população majoritariamente rural para uma maioria urbana, fez-se necessário o desenvolvimento do modo de vida urbano nas cidades no interior pensando na sua perpetuação via uma arquitetura que abrigasse em si a didática nas formas, onde o conjunto de normas e códigos próprios da cidade pudesse ser transmitido para a população que entrava em contato com esse novo aspecto do cotidiano.

2.1 Modernismo como construção de uma representação nacional

Os movimentos artísticos e arquitetônicos conhecidos como modernos tiveram seu desenvolvimento nas primeiras décadas do século XX, surgindo particularmente na Europa. As manifestações buscavam vincular o compromisso social com o formato artístico: “a arquitetura “moderna” não era apenas formas depuradas e técnicas contemporâneas, mas também e, sobretudo, a tentativa de participar, ao nível da construção do ambiente, na transformação da sociedade.”⁶

O Modernismo veio para o Brasil e ficou marcado na história com a Semana de Arte Moderna de 1922, promovendo uma onda de impacto e trazendo uma renovação cultural atrelada ao resgate do novo contexto tropical onde estava inserida. A criação de uma identidade nacional esteve presente na base das ações que se desenvolveram a partir da articulação entre artistas e intelectuais com o governo varguista (1930-1945). Durante a presidência de Getúlio Vargas, houve uma preocupação em projetar o Brasil enquanto nação em desenvolvimento, buscando expressar suas representações por meio da modernização. Sua governança foi caracterizada por um Estado forte, que intervinha na economia em busca de promover o desenvolvimento com estímulo ao crescimento industrial em substituição ao modelo unicamente agroexportador. Desse modo, as ações do Estado propunham a criação de uma identidade nacional que promovia os ideais modernos para, assim, construir a ideia de futuro que se distanciava do passado tido como arcaico.

O internacionalismo representado pela visão europeizada desenhava as possibilidades modernistas de futuro, mas aos poucos as diferenças culturais internas do Brasil trouxeram a

⁶ KOOP, 1990 apud CORDIDO, Maria Tereza Regina Leme de Barros. **Arquitetura Forense do Estado de São Paulo: Produção moderna, antecedentes e significados**. 2007. 343 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Escola de Engenharia de São Carlos - Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2007. p.31

aproximação com elementos nacionais. A produção brasileira em sintonia com as tendências europeias deveria constituir a identidade e o “caráter nacional”⁷: “o modernismo brasileiro foi interrogar o passado, a tradição, em busca de elementos para construir uma imagem que afinal desse sentido ao Brasil moderno. A identidade, não como origem, mas como projeto.”⁸ A leitura do passado cultural reordenando sequências, trabalhando as manifestações históricas e transformando-as a fim de formar uma genealogia local são as bases para a construção de uma identidade brasileira, entendida como condição para a existência da nação, sem a qual seria impraticável a consolidação de sua autonomia frente ao cenário internacional. Ainda, o movimento modernista trazia o olhar para o passado, por vezes de forma determinista, na busca de fundar a legitimidade histórica para a modernização com elementos capazes de estabelecer uma identidade local, ao mesmo tempo em que projetava um futuro onde o atraso econômico e social estaria resolvido:

As diversas ações geridas pelo Estado em diferentes áreas de atuação, valorando o “novo homem brasileiro”, trabalhando sua identidade, articulando e ensinando determinada história, catalogando e selecionando uma produção de artefatos culturais [...] forjando um vínculo e uma continuidade desde o período da América Portuguesa [...] elaborando no presente algo que no passado não continha esse entendimento, tais ações criaram solo para aproximação e identificação da nação do ponto de vista ideológico.⁹

A arquitetura participou deste processo sendo uma representante acessível para as pessoas (diferente da pintura, por exemplo), pois ela é uma materialidade encontrada na rua, apreendida por aquelas de forma distraída ao longo dos seus usos cotidianos. Não à toa, o patrimônio arquitetônico moderno enquanto um símbolo expoente do modernismo estabeleceu-se como o melhor representante do avanço perante o passado “arcaico” e necessário de ser transpassado, o que não elimina a mudança de paradigma na busca por atrelar cada vez mais uma intencionalidade social às obras arquitetônicas:

[...] a contribuição do PAGE nas diversas áreas foi [...] de se concretizar ideias que vinham sendo debatidas e não tinham apoio para serem levadas à frente. Na arquitetura, por exemplo, a crença no potencial da arquitetura de contribuir às transformações em curso através do espaço construído, [...] em projetos inovadores enquanto à forma, técnica e programa. Há um expressivo conjunto de projetos contratados por esse plano com soluções espaciais inéditas de explícita valorização dos espaços coletivos, com soluções construtivas inovadoras que repercutiram no

⁷ CORDIDO, Maria Tereza Regina Leme de Barros. **Arquitetura Forense do Estado de São Paulo: Produção moderna, antecedentes e significados**. 2007. 343 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Escola de Engenharia de São Carlos - Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2007.

⁸ MARTINS, 1987 apud CORDIDO, 2007, p.32.

⁹ Ibid., p. 34.

avanço da engenharia e que se dispuseram a repensar a relação entre a arquitetura e a cidade.¹⁰

O avanço no projeto de modernização passava por levar o progresso às partes mais afastadas. Por meio dos planejamentos do PAGE, novos aparelhamentos sociais foram levados para o interior do estado de São Paulo. Já na esfera federal, a construção de Brasília no final da década de 1950 visava também a integração das partes menos ocupadas do território. O desenvolvimento rodoviário passou a ter grande relevância, pois a necessidade de conectar a malha comercial para facilitar a troca e fluxos de mercadoria era parte do desenvolvimento econômico, assim como o desenvolvimento industrial que o incentivo ao setor automobilístico também propiciava.

Para colaborar no progresso de diversos setores nacionais, a exigência de conhecimentos teóricos e técnicos passou a se fazer mais necessária. Frente a isso, uma das áreas de atuação dos planos desenvolvimentistas era sobre o setor educacional, principalmente no âmbito de formação de profissionais capazes de comandar as renovações científico-tecnológicas em curso, acentuando o papel da pesquisa científica. Com isso, incentivos foram dispostos às instituições já existentes como a Universidade do Brasil fundada em 1920 (posteriormente denominada Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ), a Universidade de São Paulo (USP), de 1934, e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) do mesmo ano; houve também a criação de novas instituições, como a Universidade de Brasília (UnB) e a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

O modelo de universidade adotado em princípio foi inspirado no exemplo francês, onde as instalações estavam espalhadas na malha urbana, com um limite físico, cercada pela cidade que fluía. Mas com a sociedade em crescimento e se diversificando, onde a industrialização e a urbanidade ganhavam cada vez mais força, esses espaços passaram a ser insuficientes para o crescimento das atividades de pesquisa, ensino e vida coletiva. A possibilidade de um espaço mais amplo, concentrando as atividades de maneira mais econômica e funcional, encontrou no modelo americano de *campus* um representante mais adequado:

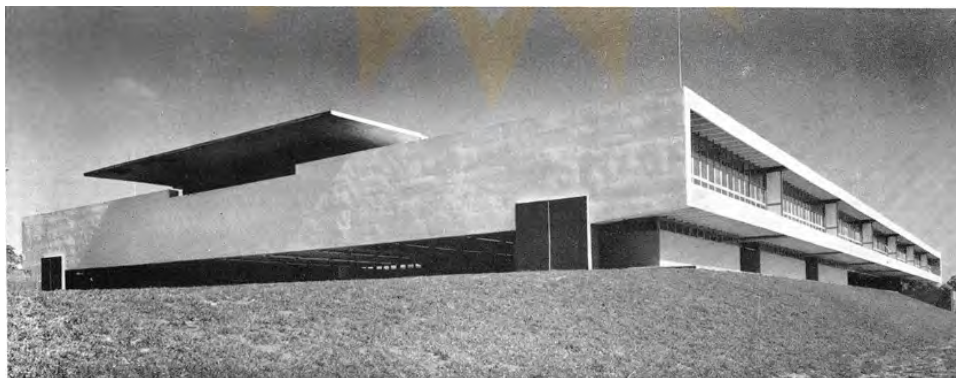
a localização dos *colleges* nos limites da cidade ou no campo, uma ruptura com a tradição europeia. A romântica noção de uma escola na natureza, separada das forças corruptoras da cidade, tornou-se um ideal americano. Nesse processo, o *college*

¹⁰ CAMARGO, Mônica Junqueira de. **INVENTÁRIO DOS BENS CULTURAIS RELATIVOS AO PLANO DE AÇÃO DO GOVERNO CARVALHO PINTO (1959-1963)**. Revista CPC, n. esp.21, p. 164-203, 29 jul. 2016. p. 185.

transformou-se em uma espécie de cidade em miniatura, e o seu desenho constituiu um experimento de urbanismo.¹¹

Os espaços amplos e a localização nas então bordas da malha urbana possibilitavam a criação de um traçado inusual, um planejamento com diferentes desenhos e a perspectiva de criar e experimentar uma outra vivência de ambiente, recriando ideais da cidade que ficaram perdidos no crescimento desordenado do seu fazer cotidiano. Dessa maneira, projetos significativos foram construídos e elaborados segundo o espírito e as propostas modernas com o objetivo de responder às funções para as atividades aos quais eram destinados; a arquitetura moderna predominou em quase todos os territórios das universidades brasileiras.¹²

Figura 2 - Revista Acrópole



A geometria do edifício bem evidenciada.

Fonte: **ACRÓPOLE**, nº 330, São Paulo, julho 1966. Disponível em: <http://www.acropole.fau.usp.br/edicao/330>. Acesso em: 20 jul. 2018.

Dentre as características mais importantes que representam essa arquitetura, Tem-se como exemplo a menor quantidade de ornamentos para tornar a obra mais fácil de ser apreendida pelo observador, onde as formas simples e geométricas transmitiam a funcionalidade do lugar, assim como respeitando a topografia do terreno, compunham uma fruição visual e social. Grandes nomes brasileiros tiveram destaque nesse movimento: as obras de Oscar Niemeyer são o que se tem de mais famoso nessa expressão, mas outros nomes como Lúcio Costa, Burle Marx, Vilanova Artigas e Lina Bo Bardi também são fortes expoentes. O legado paradigmático desse período é extenso e é um marco estrutural de um período da história brasileira, que deve ser preservado e difundido: “apenas entendendo suas continuidades com um passado mais distante que a arquitetura moderna adquirirá uma maior

¹¹ BUFFA, Ester; PINTO, Gelson de Almeida. O território da universidade brasileira: o modelo de câmpus. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 67, p. 809-831, Dec. 2016. p. 815.

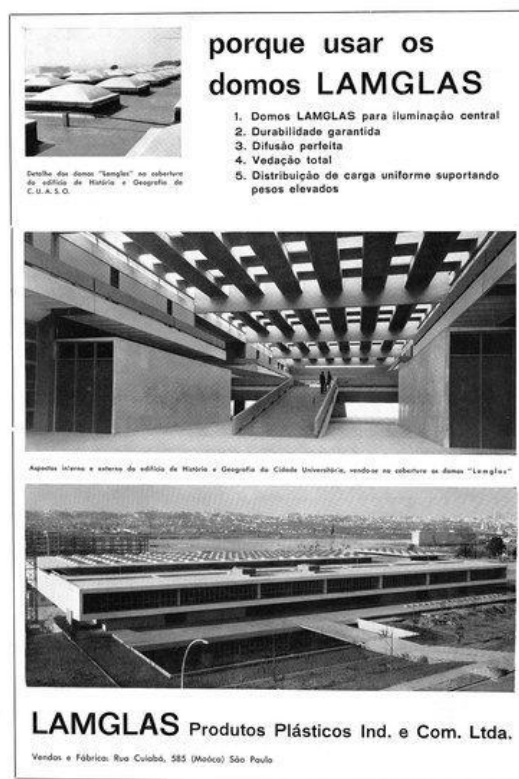
¹² Ibid., p.817.

profundidade, é apenas conservando-a, que poderemos prever uma continuidade com o futuro.”¹³

Os desafios da conservação desse patrimônio passam pela funcionalidade, os materiais, os sistemas infraestruturais, a falta de manutenção, a pátina e o reconhecimento para o tombamento. O primeiro, da funcionalidade, é relacionado à necessidade de um edifício de sofrer mudanças durante sua vida, pois sem isso existe o risco de se tornar inutilizável e assim se degradar irreversivelmente. As atividades se transformam com o tempo e, apesar de um edifício ser estático, com inventividade e atenção às teorias de conservação estas construções podem ser muito bem adaptadas a novas funções. No aspecto dos materiais, os edifícios modernos têm certas dificuldades de manutenção: o desconhecimento do desempenho a longo prazo de elementos como o concreto e outros materiais novos (linóleo, fibra de vidro e outros acabamentos plásticos), os defeitos na construção devido à mão de obra pouco qualificada, as falhas decorrentes da busca para detalhamentos inovadores, onde houve a junção de materiais que não reagem bem entre si, ou o uso de cimento amiantado que não se sabia ser prejudicial à saúde colaboraram para aumentar o desafio. O avanço nos sistemas infraestruturais de água, eletricidade e redes de comunicação demandou uma adequação às novas necessidades. A falta de manutenção impactou negativamente esses patrimônios, onde a crença de que os novos materiais durariam muito afetou diretamente a situação - atualmente, sabe-se que a manutenção preventiva é a melhor estratégia. No patrimônio moderno, a pátina dos edifícios (que são os sinais demonstrando da passagem do tempo e que muitas vezes os enriquecem) é entendida como sujeira. Por fim, o reconhecimento da tradição da arquitetura moderna a fim de promover o tombamento dos edifícios não é um processo simples: o patrimônio (muitas vezes localizado em áreas distantes do centro) por vezes pode até ter o reconhecimento por especialistas, mas não pela comunidade local, sendo que o processo de tombamento de um bem pressupõe a participação da comunidade. A significância de um edifício é algo que requer certa distância no tempo. Como grande parte do ambiente do dia a dia é o resultado direto ou indireto da modernidade, tem-se a dificuldade para avaliar sua significância.

¹³ MOREIRA, F. Os desafios postos pela conservação da arquitetura moderna. **Revista CPC**, n. 11, p. 152-187, 1 abr. 2011, p. 159.

Figura 3 - Propaganda do material de revestimento do telhado



porque usar os domos LAMGLAS

1. Domos LAMGLAS para iluminação central
2. Durabilidade garantida
3. Difusão perfeita
4. Vedação total
5. Distribuição de carga uniforme suportando pesos elevados

Detalhe das domos "Lamglas" na cobertura da edificação de História e Geografia da Cidade Universitária, em São Paulo, S. O.

Aspecto interno e externo da edificação de História e Geografia da Cidade Universitária, mostrando a cobertura em domos "Lamglas"

LAMGLAS Produtos Plásticos Ind. e Com. Ltda.
 Vendas e Fábrica: Rua Colômbia, 585 (Mooca) São Paulo

Propaganda na renomada revista Acrópole de arquitetura, que usava o Prédio da História e Geografia como exemplo para o revestimento dos telhados.

Fonte: **ACRÓPOLE**, nº 330, São Paulo, julho 1966. Disponível em:
<http://www.acropole.fau.usp.br/edicao/330>. Acesso em: 20 jul. 2018.

3 CIDADE UNIVERSITÁRIA, UM SÍMBOLO DO DESENVOLVIMENTO

Um *campus* é um espaço de proximidade e integração onde a convivência produz um sentimento diferente, possibilitando o surgimento do “espírito universitário”. Esse é o modelo americano de espaço físico das universidades, onde existe a intencionalidade de estar afastado das “forças corrompidas da cidade” e de possibilitar a criação de experimentos em planejamento, construção e sugestão de situações urbanas.

A Universidade de São Paulo foi criada em 1934, mas operou por bastante tempo em espaços adaptados e distantes entre si, em locais como a Alameda Gleite, a Rua Maria Antônia, a Rua Maranhão, entre outros. O processo de construção da Cidade Universitária Armando Salles de Oliveira (CUASO) levou décadas para ser concluído, sendo que diversos projetos urbanísticos foram pensados para configurar seus traçados. O espaço ali construído é o testemunho de transformações que a universidade sofreu, bem como do contexto de seus tempos, da criação de novas faculdades, centros de pesquisa, bibliotecas e com as alterações trazidas pela Reforma Universitária. Muitos projetos nem chegaram a sair do papel, mas representam um importante acervo histórico - por exemplo, o projeto elaborado por Ícaro de Castro Mello e Alfredo Paesani para a raia de remo buscava a visão de uma prova da modalidade contemplando sua largada até a saída, através de uma arquibancada montada em um trilho projetada para que ela andasse junto com a regata.

A trajetória de construção da CUASO passou por várias etapas. A delimitação do terreno que fazia parte da fazenda Butantan e daria lugar para a construção aconteceu em 1941; em 1947, o primeiro edifício foi construído no local: era o pavilhão do “Betatron” da Física Nuclear, parte da então Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências (FFLC). O novo impulso no sentido de construção da universidade aconteceu após a Segunda Guerra, onde diversos institutos foram incorporados à USP e alguns outros foram criados. Em 1949, a Comissão da Cidade Universitária elaborou um plano viário e de zoneamento para o *campus*, mas que com o orçamento recebido em âmbitos federais e estaduais nos anos seguintes só foi possível realizar obras de terraplanagem e drenagem do terreno (cabe a importância de se ressaltar que a localização do sítio está na várzea do Rio Pinheiros).

Uma revisão do primeiro plano (1949) foi elaborada pelo Fundo de Construção da Cidade Universitária em 1959, onde novas diretrizes foram propostas. Denominado de *Roteiro de Replanejamento da Cidade Universitária “Armando Salles de Oliveira”*, o projeto

visava diminuir os custos e o prazo para a implantação e propor a ideia de um *core*, uma área de convivência geral. Entretanto, poucas coisas foram de fato executadas no período entre 1954 a 1960.

O grande impulso para realmente tirar do papel a construção da Cidade Universitária deu-se com o PAGE durante 1959 a 1962, momento de maior relevância nos projetos de arquitetura modernos e onde o projeto do Corredor das Humanas foi gestado. A criação dos Fundos de Construção possibilitou o orçamento para que as obras fossem executadas. Nesse período também houve outro motor de aceleração: os Jogos Pan-Americanos realizados em São Paulo em 1963, onde o Conjunto Residencial da USP (CRUSP) serviu de alojamento para os atletas. Já em 1964, o regime político do país mudou e a suspensão dos direitos civis e da democracia entrou em voga, culminando em episódios como a invasão do CRUSP para a retirada à força dos estudantes e os acontecimentos na Rua Maria Antônia entre estudantes da USP e do Mackenzie. O regime de exceção teve consequências para o planejamento do *campus*, que ficou sem reitor de 1967 a 1969: “Lembremos que tanto o modelo de câmpus quanto a Reforma Universitária ocorreram durante os governos militares marcados pelo autoritarismo e pela repressão político-ideológica a professores e estudantes. Afastá-los das ruas, seria uma boa solução.”¹⁴

Figura 3 - Construção do Crusp.



Construção Crusp.

Fonte: Cidades Universitárias : Patrimônio Urbanístico e Arquitetônico da USP/Centro de Preservação Cultural. Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, São Paulo, 2005. pg. 136

¹⁴ BUFFA, Ester; PINTO, Gelson de Almeida. O território da universidade brasileira: o modelo de câmpus. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 21, n.67, pp.809-831, Dec. 2016, p.822.

Figura 4 - Encarte anunciando o edifício da História e Geografia.

DEPARTAMENTOS DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA DA USP / 1961
 CIDADE UNIVERSITÁRIA "ARMANDO DE SALLES OLIVEIRA" / BUTANTÁ
 ARQUITETO: EDUARDO CORONA

63






Este edifício foi concebido para desempenhar um papel decisivo na conceituação que o grupo de arquitetos adotou para o planejamento das construções na USP. Assim como a FAU, no outro extremo deste setor de 1 km de extensão, todos os prédios intermediários — de outros arquitetos e não construídos — tinham o mesmo princípio: espaços internos generosos, para se interligarem através de ruas e caminhos, ampliando assim as possibilidades de um convívio universitário. Com área aproximada de 16 mil m² e pátio interno do qual partem as rampas e as passagens para os pisos superiores, sua construção tem como características grandes vãos de 25 m no centro e de 55 m nas extremidades, além do concreto aparente pintado. O cálculo estrutural é de J. C. Figueiredo Ferraz. Durante as obras, várias alterações foram feitas no uso dos espaços, deturpando consideravelmente as condições de funcionalidade do conjunto.



1. Administração
 2. Professores
 3. Sanitários
 4. Aulas

PLANTA

Fonte: XAVIER, Alberto; LEMOS, Carlos; CORONA, Eduardo. 1983. Arquitetura Moderna Paulistana. São Paulo: Editora Pini. Disponível em:

<<https://www.ifch.unicamp.br/eha/chaa/PDFTrabs/2011/arquitetura-usp.pdf>> Acesso em: 10. março. 2020.

Figura 5 - Guarda no Vão da História e Geografia.



Fonte: COORDENADORIA DO ESPAÇO FÍSICO DA USP. Disponível em: https://www.arquivo.arq.br/faculdade-de-historia-e-geografia-da-usp?lightbox=image_1co4. Acesso em 10. mar. 2020.

A Reforma Universitária veio no final de 1968 com objetivo de otimizar os recursos e muitos programas sofreram mudanças. É nesse contexto que a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências (FFLC) ganha uma letra a mais e passa a ser Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH). Este processo acentuou o uso de soluções improvisadas, deformando completamente o Plano criado anteriormente. À época, os pavilhões entre a Reitoria e a Raia Olímpica foram construídos para abrigar provisoriamente o conjunto didático da FFLCH:

A precariedade proposital e a própria forma dos barracões que abrigaram os cursos da FFLCH a partir de 1969 não tem nada a ver com o acaso. Depois de destruir o lugar, e assim enfraquecer o símbolo do polo de agregação contestadora, era preciso também prevenir a continuidade da irradiação crítica e contestatória que emanava desse polo. Tentou-se fazê-lo por via de uma ruptura nas condições em que antes ocorria a continuidade da vivência entre a universidade e a cidade, entre a vida universitária e a vida cidadã, nos seus diversos aspectos.¹⁵

Na década de 1970, um novo padrão construtivo passou a ser utilizado nos edifícios do *campus*, baseado nos sistemas modulares expansíveis utilizados por universidades alemãs. Foi assim que os prédios que não existiram do Setor das Humanas acabaram sendo construídos. Muitas obras foram impulsionadas nesse período devido a outros Jogos Pan-Americanos que ocorreriam em 1975 em São Paulo, mas acabaram cancelados devido a

¹⁵ SILVA, 2015 apud CAMARGO, Mônica Junqueira de. O Setor das Humanas como Patrimônio Arquitetônico e a História da Arquitetura Paulista. **Patrimônio Construído da USP: Preservação, Gestão e Memória**. 1. ed. São Paulo: Edusp. 2015, p. 207.

um surto de meningite. O setor do *campus* próximo à Avenida Corifeu de Azevedo Marques foi desenvolvido nesse período. A grosso modo, esse íterim propiciou a configuração que se observa atualmente.

Todo o processo de evolução do espaço construído representa atualmente um vasto patrimônio da universidade pública de São Paulo, com construções representativas de vários períodos que contam uma história material. O edifício Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, por exemplo, é paradigmático e tem tombamento duplo (Condephaat e Conpresp). Muitos outros bens da USP também já são reconhecidos ou estão em processo de reconhecimento pelos órgãos patrimoniais. Em 2018, o Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (Conpresp) aprovou o tombamento do Edifício Eurípedes Simões de Paula, mais conhecido como Prédio da História e Geografia.

Figura 6 - Visão do estacionamento para o prédio da História e Geografia.



Edifício Eurípedes Simões de Paula - FFLCH USP em 1968.

Fonte: SEF - USP

Figura 7 - Local que seria o Setor das Humanas.



Vista atual de onde seria o Setor das Humanas, o edifício mais próximo é o da FAU.
 Fonte: Comissão de Patrimônio Cultural da Usp (Org.). **Cidades Universitárias: Patrimônio Urbanístico e Arquitetônico da USP**. 1. ed. São Paulo: Edusp, 2005. 360p.

3.1 “Corredor das Humanas, a poesia que poderia ter sido e não foi”¹⁶

Figura 8 - Ilustração do Corredor das Humanas.



Ilustração da sequência de prédios do Corredor da Humanas.
 Fonte: GFAU (Org.). **Corredor das Humanas**. São Paulo, 2009. 50 p.

Dentre os princípios norteadores do projeto Corredor das Humanas, a declarada intenção da criação de espaços de convivência era um ponto central. Seria um local onde os

¹⁶ Título emprestado da publicação homônima de autoria do Grêmio da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (GFAU) de 2009. Fonte: GFAU (Org.). **Corredor das Humanas**. São Paulo, 2009. 50 p.

saberes teriam liberdade para fluir e as formas recriariam situações diversas que uma cidade pode sugerir, ao mesmo tempo em que o ambiente para o desenvolvimento da vida acadêmica seria criado.

Foram seis projetos arquitetônicos desenvolvidos, integrados em um setor das humanidades, onde apenas dois conseguiram passar da etapa de fundações e chegar à conclusão. Em uma ponta, Eduardo Corona projetou o da História e Geografia e em sequência, Carlos Milan projetou o da Letras, Paulo Mendes da Rocha o da Sociologia, Antropologia, Economia Política e História das Doutrinas, Pedro Paulo de Mello Saraiva o da Geologia, Mineralogia e Petrologia, Vilanova Artigas o da Arquitetura e Urbanismo e, por fim, Joaquim Guedes com o da Matemática. Todas as edificações dispostas em esplanada formariam um passeio de pedestres por entre os grandes vãos (faltam registros desses caminhos de ligação, ficando a estrutura a cargo do imaginário). Dentro da liberdade criativa de cada projeto, eles dividiam algumas diretrizes como a existência de espaços abertos, sem portas, em um volume único onde abrigassem diversos usos como bibliotecas, teatros, museus e espaços estudantis, que pudessem ser ligados por amplos salões, remontando a ideia das ágoras. Era uma produção arquitetônica pautada pelo valor de uso do espaço.

O maior destaque da proposta é a existência de um vão central, com espaço generoso para circulação e propicia aos encontros. Ele rege a espacialidade interior, permitindo aos usuários uma riqueza múltipla de situações e visibilidades. Com essa convergência de fluidos, o espaço central monumentaliza a recriação de um ideal de cidade como o lugar do encontro. O edifício projetado por Corona (um dos dois que conseguiram sair do papel) que dá vida ao departamento de Geografia e História da FFLCH está organizado em dois pavimentos, tendo como principal elemento o pátio interno que mantém a permeabilidade visual de todo o edifício e possibilita uma grande área de convivência. Ele apresenta estrutura em concreto armado aparente, cobertura em laje plana impermeabilizada, caixilhos que abrem toda a extensão de sua fachada. São prédios desenhados para diferentes usos, dentro do contexto de uma arquitetura escolar, categoria essa que o projeto de Corona ganhou um prêmio do IAB em 1963:

Se há um aspecto intrínseco a todo edifício moderno, que é o de formar seu usuário, a formação no edifício escolar adquire dupla dimensão, além da formação propiciada pelo ensino e atuando sobre ela, há (ou deveria haver) a

formação social que a escola proporciona de maneira privilegiada e o espaço arquitetônico, tanto melhor é, quanto melhor potencializa tal formação.¹⁷

A arquitetura tinha um viés de transformação social mas como uma participação ativa do processo, não como o motor. O ideal era ser uma plataforma para a mudanças, um caráter inovador dentro do que vinha sendo feito:

o compromisso político de alguns arquitetos, especialmente Vilanova Artigas, cujos projetos expressam um novo conceito de escola, com mínimo de fronteiras entre alunos e professores e entre a escola e a comunidade, ao que se pode inferir um projeto também pedagógico. [...] o caráter inovador dos espaços escolares dentro de uma vasta produção ainda longe de ser homogênea, mas que constitui a base da Escola Paulista de arquitetura.¹⁸

A descontinuidade da execução do projeto completo poderia supor que os edifícios da FAU e da História e Geografia esvaziavam-se de sentido; entretanto, o contrário ocorre. Espaços que anunciam novos tempos desenvolvimentistas passam a ser espaços de resistência, abrigando discussões políticas, assembleias e ocupações culturais.

Figura 9 - Aula pública sobre o contexto das eleições de 2018.



Aula pública ministrada por Guilherme Boulos no contexto das eleições de 2018.

Fonte: BOULOS, Guilherme. Disponível em:

<<https://www.facebook.com/guilhermeboulos/photos/a.556881091129113/1179555108861705/?type=3&theater>>. Acesso em: 21. maio. 2019.

¹⁷ BUZZAR, Miguel Antonio; CORDIDO, Maria Tereza Regina Leme de Barros; SIMONI, Lucia Noemia. A arquitetura moderna produzida a partir do plano de ação do governo Carvalho Pinto-Page - (1959/1963). *Arq.urb*, n. 14, p. 157-170, 17 dez. 2019, p. 166.

¹⁸ CAMARGO, Mônica Junqueira de. Inventário dos bens culturais relativos ao Plano de Ação do Governo Carvalho Pinto (1959-1963). *Revista CPC*, n. esp 21, p. 164-203, 29 jul. 2016. p.182.

4 OLHAR DE QUEM VIVEU O PRÉDIO

No âmbito deste trabalho, foram feitas entrevistas com duas pessoas que viveram o prédio em momentos muito distintos¹⁹. A primeira entrevistada é Ana Beatriz Costa, uma estudante de letras que ingressou em 2011 e teve sua trajetória dentro da Universidade marcada pela participação em espaços estudantis, seja como independente no Movimento Estudantil ou compondo o Fórum do Espaço Aquário e a Bateria Manda-Chuva, como acompanhando de perto a extinção da Rádio Várzea que deu lugar para o breve mas importante Espaço das Minas, onde hoje está instalado o Cursinho Popular da FFLCH. Sua participação na universidade trouxe visões sobre as transformações vividas no período importante de 2013, assim como um ponto de vista sobre as políticas impostas aos espaços estudantis.

O segundo entrevistado foi Milton Ranzini, com uma extensa trajetória dentro da USP que começou ainda criança, quando a universidade sequer tinha muros. Fazia parte da comunidade do entorno por proximidade familiar e viu sob o olhar de criança os períodos conturbados que o país viveu durante a ditadura militar. Sua trajetória dentro da USP é extensa (onde posteriormente foi estudante de história na década de 1980) e que segue até os dias de hoje como funcionário do Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (Ipen); recentemente, Ranzini tornou-se pai de dois estudantes da universidade, uma na FAU e outro no Instituto de Matemática e Estatística (IME).

Nas duas conversas, os entrevistados trazem um ponto de vista em comum sobre a percepção de que existia mais união anteriormente, por mais que as vivências tenham sido em épocas completamente diferentes. Perguntado sobre as lembranças de acontecimentos diferentes no vão, Milton afirma:

Milton: Sim, sim porque justamente quando eu entrei aqui, foram as primeiras eleições para governador, depois teve o movimento das diretas, então, aquilo meio que estava numa certa efervescência. E... Foi uma coincidência que também marcou no ponto de vista de atividade e de movimento político .

Thaís Tavares: Como você lembra do movimento das diretas?

Milton: As diretas começaram, é... No início foi uma certa surpresa, eu achei que não ia rolar porque começou com um comício do PT no Pacaembu em 82 se não me engano, no início de 82. Eu achei que aquilo era uma coisa meio esquisita. Mas a coisa foi andando pra frente... O pessoal da USP de uma forma geral se engajou naquilo e houve um acoplamento aí com os movimentos sindicais e a coisa foi mais pra frente do que eu no início imaginava. Foi uma experiência de vida, foi a primeira

¹⁹ Para acesso às entrevistas na íntegra, ver Anexo 1.

vez que percebi alguma coisa se movendo na estrutura da sociedade. Depois percebemos que não era, não foi tanto assim, mas na cabeça de alguém com vinte anos era o que a gente via e é uma lembrança boa que eu tenho até hoje.

Thaís Tavares: Existiam mobilizações aqui dentro da universidade mesmo?

Milton: Ah sim, é, sim, sim, inclusive no vão da história! Todas as reuniões e comissões e tal, eram feitas nas rampas da história e geografia.

Thaís Tavares: Você tem lembranças além dessa parte das assembleias, das reuniões, do movimento político estudantil, você lembra se lá já existia o comércio de livros e de alimentos?

Milton: Já, já existia. Já existia. Ih... A feira do livro da USP que hoje parece que é a segunda do Brasil, se já não é a primeira, começou ali com umas banquinhas de madeira e a gente conversava com os autores dos livros e você até conseguia chegar perto da banquinha e olhar os livros.

Thaís Tavares: Hoje já não se consegue.

Milton: Hoje já não se consegue mais. Então, naquelas catacumbas laterais digamos assim, vendia-se de tudo ali, desde livros usados até baseado.

A intervenção de forças estatais também aparece nas duas entrevistas, seja quando Milton conta das suas experiências ainda criança dentro do *campus*, onde o pai tinha seu carro revistado nas proximidades do que hoje é o Portão 1 e da presença de um tanque de guerra que ficou marcado na sua memória intanfil, seja quando Ana repassa as transformações ocorridas na dinâmica da universidade após o acordo do reitor João Grandino Rodas em que a Polícia Militar volta a ter sua entrada no *campus* permitida:

Eu acredito muito que na greve de 2013, no final da greve de 2013 depois do baque que a gente teve, a gente perdeu muito nisso. 2014 eu vi a grande derrocada assim... De espaço... “Por quê?” Antes você tinha muito mais vida na universidade, a universidade ela fazia parte das pessoas, então elas tinham festas, elas tinham saraus, elas tinham assembleias, e isso tinha uma validade, isso tinha um porquê, isso existia por algum motivo e era respeitado por todos. É... Em 2014 as festas, no final de 2013 na verdade, as festas começaram a ser grandes... Grande alvo de é... Assalto, sequestro, brigas, justamente por um pela intervenção da polícia militar dentro do campus. A partir do momento que a polícia militar, durante a gestão Rodas, começa a entrar na universidade e começa a ter esse essa necessidade de uma ronda extensiva vinda do estado, você percebe que os polos de esquerda e os polos que lutam contra essa resistência são os lugares onde são mais afetados [...]. Por exemplo, a ECA foi um lugar muito afetado, a FAU foi um lugar muito afetado, a FFLCH foi um lugar muito afetado porque eram pólos contrários a essa intervenção estatal, era um pólo contrário à intervenção da PM no campus, e eu acredito sim que tenha rolado alguma coisa ali no limbo político que fez com que a criminalidade aumentasse, porque partindo do pressuposto dos nossos governantes que quanto mais polícia menos treta, então a USP deveria ser um paraíso depois da intervenção da polícia e foi muito pelo contrário. Logo depois que foi assinado esse contrato, as coisas começaram a degradingolar. Começou a aumentar o número de assaltos, começou a aumentar o número de roubos, as festas começaram a ficar insustentáveis, então nós enquanto organizadores de qualquer atividade, começamos

a ser boicotados pela universidade, por conta dessa greve de 2013 que foi super forte principalmente dentro [...] principalmente na FFLCH, mudanças de gestão... E isso realmente atrapalhou muito, muito, muito, muito.

Outro ponto muito importante presente nas entrevistas foi a questão dos espaços de convívio. Milton relembra sua época de estudante e conta:

E a lanchonete era bem legal, bem simples, a gente ficava até tarde da noite lá, às vezes tomando cerveja com os professores inclusive, hoje nem sei se pode vender cerveja, sei lá. Mas era uma coisa bem mais informal e agradável. Era uma comunidade mais informal e mais unida inclusive.

Sob o mesmo aspecto, Ana tem uma visão das transformações em função da política da universidade, muito pautada também pela sua vivência enquanto componente do Fórum do Espaço Aquário (organização que buscava o diálogo entre as diferentes entidades alocadas no espaço estudantil do prédio em questão). A preocupação pela manutenção do lugar e o convívio dos diferentes usos faz-se presente através da conscientização de que ali é um bem comum, onde se todos se vêm representados e consequentemente se sentem mais convidados a cuidar do local:

é muito complexo porque você precisa dessa história anterior, você precisa entender qual a importância desse espaço, você precisa entender que você não vai só ali numa festa encher o cu de cachaça e ficar tudo bem. Não é assim, a construção universitária ela passa assim: pelo reconhecimento do espaço, ou seja, como eu interpreto aquele espaço enquanto privado e coletivo. [...] dentro da FFLCH, principalmente na história e geografia, rolou uma pressão da própria diretoria em eliminar esse tipo de atividade, porque pra eles esse tipo de atividade não condiz com o cenário acadêmico, mas é muito pelo contrário, porque tem uma ligação pela universidade que não é simplesmente acadêmico, não é simplesmente profissional, você consegue ter uma ligação com aquele espaço, e depois quando você se formar vai querer retribuir para aquele espaço, vai querer retribuir pra que aquele lugar seja melhor.

Figura 10 - Espaço Aquário.



Frente do Espaço Aquário, onde um cartaz com os dizeres “O espaço é seu: ocupe!” está na frente. Ano de 2014.

Fonte: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Disponível em: <<https://biton.uspnet.usp.br/cpc/>>. Acesso em: 11.mar. 2020.

Por fim, a ideia de que a construção de espaços de socialização e convívio é de extrema importância para o bem-estar da comunidade, carrega o discurso de que a grandeza de uma universidade está também nos diferentes aprendizados e vivências que ela proporciona. Sobre tal importância, Ana pontuou:

A universidade não é pertinente só dentro da cátedra, dos grandes pensadores do século XX, ela tem que ser dinâmica, ela tem que ser conivente com o tempo, ela tem que dar oportunidade pro jovem não ficar sobrecarregado simplesmente pelo fato de “ai meu Deus, eu preciso me formar e me inserir logo no mercado de trabalho”, dentro do capitalismo isso é inerente, isso é necessário, porque o capitalismo pede que as pessoas seja simplesmente uma peça da engrenagem e que elas não fiquem lá estagnadas criando do seu ócio. Mas o ócio é importante sim, é importante sim ter um espaço de mesinha, de convivência, onde você sente com seu amigo e você fala desde o mapa que você tem que entregar na semana que vem até uma coisa que está te afligindo, porque um dos grandes males da universidade é a saúde mental dos alunos. É o grande mal da universidade, você simplesmente ignorar que a pessoa é um indivíduo e não uma máquina.

Figura 11 - Pesquisa sobre impressões pessoais do Vão

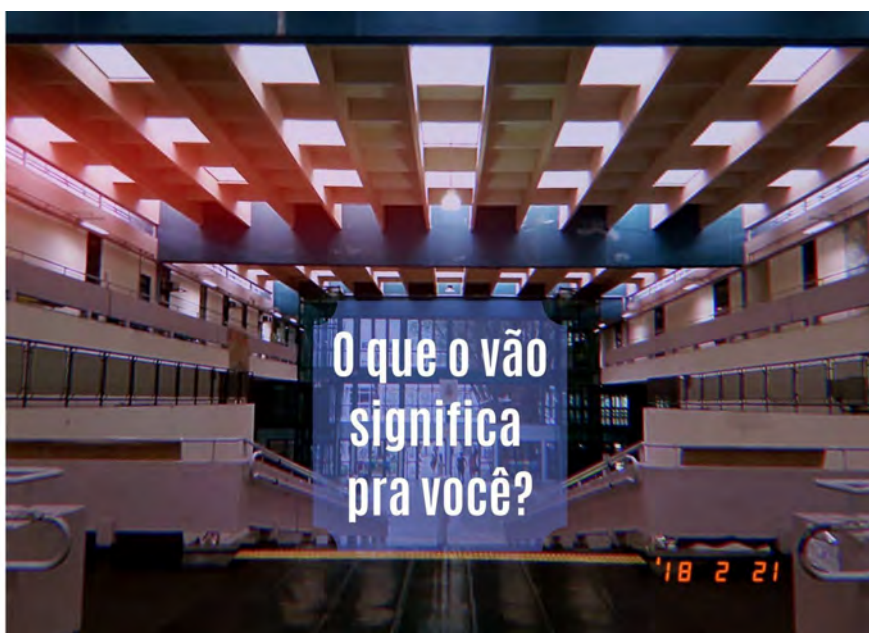


Foto tirada de cima da rampa no primeiro andar. Dia 21 de fevereiro de 2018.

Fonte: Acervo pessoal.

Uma pesquisa *online* também foi realizada via aplicativo da rede social Instagram no mês de fevereiro de 2020, onde colegas foram convidados a responder a seguinte pergunta: “O que o vão significa para você?”. O formato da resposta era uma caixa com poucos caracteres, mas o tema instigou alguns respondentes a contarem um pouco mais. Das 49 pessoas que reuniram suas impressões sobre a parte central do prédio, muitas delas

frequentam cursos em outros prédios ou até são de fora da comunidade uspiana. Fica claro que a imponência arquitetônica se mistura com as lembranças emocionais do período vivido ali. Aquele lugar se torna símbolo maior de todo um contexto, e na memória ficam misturados o crescimento que o período da universidade implica na vida de cada um, junto com as relações estabelecidas dentro daquele espaço. Elementos como a construção de si mesmo, a falta de mesas e cadeiras para um melhor convívio fora da sala de aula, um espaço que ainda consiga representar encontros e as contradições inerentes da sociedade que também transpassam a vivência universitária são alguns elementos que apareceram entre os resultados. A tabela 1 mostra a condensação das respostas:

Tabela 1 - Respostas para “O que o vão significa pra você”

NOME	QUAL CURSO FREQUENTA	RESPOSTA
Artur	História	“Uma sala de espera movimentadíssima.”
Marina Mito	História	“Acho que o vão nunca foi uma boa memória para mim, nem uma boa sensação. Acho que a FFLCH nunca me faz sentir segura nem muito menos acolhida, por isso acho que a magnitude do vão tendia a me esmagar, tanto visualmente quanto sonoramente”
Olívia Ibri	Geografia	“Um misto de sentimento de segurança com abandono, é meio estranho pra mim.”
Bruno Rupini	Letras	“Medo.”
Gisele Matos	História	“Espaço de encontro (entre a maioria) e de exclusão (das minorias).”
Karina Lima	Geografia	“Amor e ódio”

(continua)

(continuação)

NOME	QUAL CURSO FREQUENTA	RESPOSTA
Amanda Magalhães	Geografia	“Espaço de dor e alegria. Bem clichê, porém é isso.”
Larissa Campos	de Geografia	“Um lugar de encontro entre guerra e paz.”
Renan Schwind	Lazer e Turismo (EACH)	“Luta e legalização”
Gabriela Oliveira	Química	“O vão me lembra uma vida em sociedade, todos se vêem de qualquer lugar. Ai você não tem escolha se não aprender a conviver e solucionar conflitos sociais.”
Bianca Oliveira	Geografia	“Pra mim o vão é um lugar de encontro, estímulo e sociabilidade incrível. Quando entrei no vão para fazer a matrícula e vi que quase nenhuma mulher usava sutiã e ninguém estava nem aí foi tão legal.”
Taina Holanda	Ciências Sociais	“Abertura pro encontro, espaço pras relações.”
Gabriela Zampar	Ciências Sociais	“Encontros”
Edgar Lopes	Geografia	“Espaço de encontro, lembranças, emoções e frustrações.”
Giulia Grecco	Ciências Sociais	“Ainda fico fascinada (com a arquitetura e o tanto de coisas que acontece).”
Julia Nascimento	História	“Faz com que eu me sinta pequena e grande ao mesmo tempo.”
Tamires Gava	Geografia	“Abriu caminhos pra mim!!! Fez eu expandir meus horizontes, mas eu também me sinto pequena lá...”
Laura Abraão	História	“Abstração”
Hannah Trindade	História	“Passagem”

(continua)

(continuação)

NOME	QUAL CURSO FREQUENTA	RESPOSTA
Marcela Bau	História	“Rotina”
Maíra Nakazone	Ciências Sociais	“Significa passagem, histórias, socialização, ciclos e vícios, amores, familiaridade e estranhamento.”
Maria Luiza Socchi	Letras	“Um espaço de aprender com liberdade e afetos, lugar de conhecer, viver, ver, sentir.”
Mariana Amaral	História	“Para mim o vão é um lugar identitário. Sinto que partilho algo mais do que institucional com quem vive aquele espaço. Não só meus colegas de curso, mas de espaço.”
Taciana Ribeiro	Geografia	“O vão pra mim é a imagem do conhecimento. Eu olho ele e penso em tudo que aprendi aí.”
Laura Gaiato	Geografia	“Construção.”
Laleska Lima	Letras	“Portal de conexão do instituto, assim como união de muitas tribos, ideias e ideias. Ainda espaço de reconhecimento e ponto de partida pra mim.”
Thalita Vitória	Geografia	“O vão já significou casa pra mim. Hoje é mais como algo de passagem obrigatória, não mais um lugar onde eu queira estar, mas sim onde eu devo estar. Mas me traz nostalgia. É bom também.”
Jasmim Condini	Visitante	“Serve quem só visitou? Me lembra acolhimento.. por um rolê brechó que fui que foi bem bacana!”
Lígia Bicalho	História	“Um espaço quase que despercebido, mas estrutural para melhores memórias!”
Rafaela Mancini	Letras	“Ai amiga, não sei não, talvez a representação para um momento muito significativo da minha vida.”
Dorival Neto	Geografia	“Lazer, ver os amigos e conhecidos, lembranças de festas do passado e estudos.”
Juliana Wahl	Ciências Sociais	“As melhores festas!”
Mariana Queiroz	Geografia	“Reclamo da aparência e de ser mal frequentado kkk mas me sinto segura, em casa ♥”

(continua)

(continuação)

NOME	QUAL CURSO FREQUENTA	RESPOSTA
Karina Soares	Letras	“Convivência de paz (se é que dá pra chamar a Manda Chuva de paz, rs) no meio do caos da graduação.”
Steffany Silva	Geografia	“Uma espécie de porto seguro.”
Giulia Veratti	Letras	“Casa”
Mariana Dantas	História	“Casa e cansaço.”
Gabriela Barsante	Letras	“É uma casa, cheia de momentos bons e ruins também, como deve ser.”
Carolina Ortega	História	“De certa forma significa casa. Também o acho muito bonito e ligo ele ao processo de transformação na minha vida, que está ligada à USP e especialmente à FFLCH.”
Maria Fernanda Moneda	História	“Apesar de ser uma bolha eu sinto que é o meu lugar no mundo. Foi onde eu encontrei o que me faltava, desde teoria até amizades, construções e aprendizados. Boa parte do que sou hoje foi feito lá.”
Thomas Dreux	Ciências Sociais	“Transformação. Sempre penso no quanto eu mudei enquanto estive aí, o quanto o prédio e as pessoas mudaram, a vida, a USP, o país. Tudo vai acontecendo e passando, o prédio segue lá transformando e sendo transformado. Uma dialética louca que carrego cheio de afetos. Bons e ruins. Principalmente ao fato de ser aberto, praticamente sem controle de entrada e saída, essa característica pra mim carrega essa disposição às coisas que mudam e se refazem, não necessariamente boas.”
Ana Luisa Bastos	Letras	“Penso que pra mim representou um espaço de ofertas, de mais “receptividade” ainda que bem ilusória, é só uma sensação em comparação com os outros prédios da FFLCH, mas já é uma sensação que dá uma ajuda na guinada de buscas por interesses e amizades.”

(continua)

(continuação)

NOME	QUAL CURSO FREQUENTA	RESPOSTA
Gabrielle Ribeiro	Geografia	<p>“Nossa significa muito. Significa pertencimento...sei lá, aconchego. Esses dias me peguei um pouco pensando em como também está se ressignificando agora pra mim.. porque me parece que os lugares carregam muito das pessoas para ser acolhedor, e hoje não tem muito "das minhas pessoas", o que torna ele de certo modo menos acolhedor. Mas aí vai ressaltando mais ainda o papel de memória. Cada cantinho que eu já sentei e joguei um baralho, de como eu já fui (e ainda sou um teco) feliz nesse lugar. De como ele representou também os piores ódios e amores hahaha ódio pelo cocô de pombo caindo, ódio de não ter a porra de uma torneira. Mas no todo se fosse pra falar UMA palavra acho que seria pertencimento. E esse ano também trazendo muita memória... toda toda toda vez que eu coleí lá esse ano e desci a rampa lembrei da gente dando tchau pro Fi [Filipe Varea Leme, presente!]²⁰, literalmente bem no meio, no coração do vão! Sei lá, é tanta coisa hahaha vai desde coisas absurdamente formais como uma aula prática de Ensino de Geografia sobre escala que meu grupo deu semestre passado e usou desenhos de diferentes ângulos que as pessoas fizeram do vão pra falar disso, até coisas absurdamente fúteis como melhores lugares para namorar hahahaha. É lar. Muito vinculado a apropriação do espaço e como cada um exerce isso né, acho que pra mim foi com as pessoas que vivi ali. Uma vez uma senhora me falou que seria lindo se no vão tivesse grafites hahah imagina? Enfim poderia dissertar horas sobre isso, mas chega que eu até já chorei digitando. Ah, e tem o ódio a falta de cadeiras também. Eu acho que cadeira faz diferença na vivência entre pessoas principalmente. Não só o fato de poder sentar, é claro, mas tipo, conversar em pé é uma coisa, sentado é outra. Tem o conforto e a possibilidade ter mais contato acho, sentados as pessoas se encostam mais, são mais próximas.. Eu sinto.. E no vão nem dá pra sentar</p>

²⁰ Nota da autora.

(continuação)		no chão pq tem as bosta de pombo, maior nojo hahaha o pessoal até tenta agora que não tem cadeira, mas é péssimo. O morrinho salva um pouco. Mas é isso, sentar traz conforto e proximidade, não ter cadeira expõe.
NOME	QUAL CURSO FREQUENTA	RESPOSTA
Gabrielle Ribeiro	Geografia	Tipo, as pessoas ficam mais enfiadas nos laboratórios, no aquário (que apesar de público não é tão aberto e convidativo quanto o vão), e aí você vê menos as pessoas, convive menos com elas... É ruim até pra achar quem você quer porque as pessoas ficam mais entocadas. E eu sinto que sofri pouco com a retirada das mesas porque justamente tem o pico (salinha da bateria). Que é um baita lugar de convivência, não preciso falar sobre haha mas imagina uns sofás no vão e o povo tudo amontoado que nem a gente fica no pico... Que sonho de convivência na faculdade."
Breno Aranha	História	"Já foi mais na época das mesinhas, mas é um espaço de encontros para mim ainda."
Paula Marcelle	Letras	"Saudades das mesinhas, do Jairo vendendo cerveja no morrinho, das cervejadas dos times. O vão foi muito significativo pra mim. Mesmo que eu tenha feito letras, enquanto eu estava na graduação a gente ainda não tinha um espaço de convivência, então o vão fez muito bem essa função. De tanto tempo que eu passava lá, as pessoas achavam que eu era da geo."
Fernanda Kauahara	História	"Nunca parei pra tentar definir com palavras o que vão desperta em mim, mas vamos lá. Eu já adoro construções com pé direito alto e mezaninos, mas o vão tem o fator afetivo. As linhas do vão, tanto as do mezanino como as linhas inclinadas da rampa acompanham as memórias que tenho de lá. Acho muito diferente dos outros prédios da FFLCH, mesmo tendo feito muitas aulas por lá. Ao contrário do vão, minhas memórias que nasceram ali não se conectam ao espaço físico em que aconteceram... Já no prédio da História (e Geografia rs), desde as memórias boêmias até as lembranças acadêmicas de lá estão muito marcadas pelo prédio. As salas com vista para aquela passagem lateral com árvores, as subidas penosas das rampas, as festas gigantes (bons

tempos), os eventos políticos lotados, os cartazes enormes com papel kraft, o aquário, o pico, o morrinho, o camarote, o papagaio, AS MESINHAS (!).

(continua)

(continuação)

NOME	QUAL CURSO FREQUENTA	RESPOSTA
Fernanda Kauahara	História	Aqui vale um adendo, porque o vão mudou muito pra mim sem as mesinhas. Quem é mais tímido ou já não conhece mais tantas pessoas por á pode se sentir meio "sem lugar" a princípio, porque a imensidão do prédio com o "vazio" deixado onde eram as mesinhas pode assustar as pessoas. Mas mesmo assim, ele foi pra mim um lugar onde pude experimentar, conhecer, me permitir e descobrir. Acho que o vão significa acolhimento pra mim, porque tive as mais diversas experiências em inúmeros espaços dele. Pra quem sabe aproveitar todos os seus cantos, há sempre lugar pra receber a sua loucura. Já fizemos churrasco, já tive conversas muito enriquecedoras no morrinho entre uma aula e outra (ouvindo um sonzinho do cara que vende LP), já comprei roupa de brechó, já participei de simpósios, aprendi a tocar um instrumento... enfim, o vão, em grande parte devido à sua arquitetura, abre espaço pra pluralidade e pra troca. Tem um livro muito famoso e premiado de uma escritora belga, chamado "Memórias de Adriano", que define o vão e a experiência da graduação pra mim (com todos os bons e maus momentos dessa fase de crescimento): "O verdadeiro lugar de nascimento é aquele em que lançamos pela primeira vez um olhar inteligente sobre nós mesmos".
Amanda Freire	Letras	"Mais pertencimento que o meu próprio prédio oferece."
Gabriel Alves	História	"O vão é maturidade."
João Lucas Melo	Geografia	"Desde 2015 quando comecei a frequentar vejo o vão como um espaço político, político pelo fato de em um único espaço acontecerem debates, ações formativas, eventos, festas. Deste modo vejo o vão

como um espaço mutável, que se adapta de acordo com as necessidades dos que ali estão, ele é de manhã e à tarde um espaço mais calmo, onde as aulas estão acontecendo, debates de pequena escala estão rolando seja nas antigas mesinhas do container seja nas novas mesas do "starbucks",

(continua)

(fim da continuação)

NOME	QUAL CURSO FREQUENTA	RESPOSTA
João Lucas Melo	Geografia	de tarde e noite acontecem reuniões de coletivos e festas que ressignificam aquele espaço horas depois dele ser representado por um lugar calmo de aulas. Acredito que o vão seja um microcosmo dos espaços que a juventude gostaria de ocupar na cidade mas por mil questões políticas são impedidas, sendo assim ele também é um espaço de disputa, disputa econômica, quando um bazar gigante que ajudava muitas pessoas em relação a grana acontecia, disputa política, seja nas festas que em sua maior parte partem do objetivo de ganhar dinheiro para algum evento dos estudantes, seja por servir de espaço de concentração dos estudantes para as grandes manifestações na cidade. Digo tudo isto mas reconheço q ele também é uma bolha, na qual de dia os iguais (em relação à classe, raça e ideias) se encontram e apenas nas festas acontece uma pequena quebra da rotina dos iguais, ao também ser ocupado pelas pessoas que não tiveram os privilégios para acessar a universidade, seja vendendo drogas para os estudantes seja indo apenas para lazer, ali sim vejo um vão mais vivo, mais diferente no entanto com milhares de críticas ao pensar que ele deve ser assim não apenas durante as festas mas também durante as aulas, debates, etc.”

Imagem 12 - Kraft Fórum do Espaço Aquário



Cartaz colocado pelo Fórum do Espaço Aquário, quando as mesinhas estavam para serem retiradas, onde está escrito “As mesinhas vão sair! O que acontecerá com o espaço?”. Tirada em 9 de março de 2016.

Fonte: Arquivo pessoal.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a intenção de refletir sobre o prédio, este trabalho procurou compreender mais sobre um lugar que é palco de convivência entre colegas e tantas outras pessoas por um período médio de cinco anos, mas que muitas vezes é bem maior. Saberes são produzidos e pensados sob aquela estrutura em concreto armado aparente e muito pouco se sabe sobre a intencionalidade e o sonho que os modernistas tiveram para aquele lugar. É um espaço representativo de muitas lutas e entraves políticos, é um expoente do seu tempo e abriga também contradições inerentes da sociedade que não conseguiriam ficar de fora.

A preservação de um patrimônio deve passar pela atribuição de valor de bens culturais, pois eles são suporte à memória coletiva e têm nesse edifício referenciais simbólicos. É a “atribuição de valor de bens culturais como suportes da memória coletiva.”²¹ São muitos ideais que o construíram, sendo legitimados e colocados à prova conforme se discorre o cotidiano sob aqueles espaços. Os idealizadores do Corredor das Humanas, se pudessem estar em contato com os relatos da significância que o espaço conseguiu materializar nas pessoas, talvez observassem muitos de seus sonhos transformados em realidade. Por outro lado, veriam as consequências dos embates ideológicos que já naquele período existiam de forma brutal, mas que ganharam diferentes camadas e espectros ao longo do tempo.

É interessante você imaginar que pode mudar o futuro. Como nós desejamos e sabemos que quem muda o futuro o faz para algo melhor ou para o desastre, no

²¹ WOLFF, S. Patrimônio edificado da USP e sua preservação. **Revista CPC**, n. 1, p. 121-127, 1 abr. 2006. p. 121.

fundo o que se está mudando é o passado, porque implica numa revisão crítica daquilo que era o conhecimento. Estamos em passagem constante no andamento da natureza, o nosso horizonte é de absoluta liberdade, o homem pode construir o que quiser dentro de uma visão ética - supondo que esse é o desejo do outro. O arquiteto não pode fazer nada para si.²²

Palco de tantas transformações, seja como expoente do seu estilo construtivo, seja como fruto do contexto histórico que o projeto esteve inserido e até mesmo das vidas que se desenrolam e evoluem dentro de suas rampas, corredores e vãos. Que esse trabalho possa reunir um pouco do que constitui a casa da nossa geografia.

²² ROCHA, Paulo M. 2009 apud GFAU (Org.). **Corredor das Humanas**. São Paulo, 2009. p. 36.

REFERÊNCIAS

- BUFFA, Ester; PINTO, Gelson de Almeida. O território da universidade brasileira: o modelo de câmpus. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 67, p. 809-831, Dec. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782016000400809&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 Dez. 2019.
- BUZZAR, Miguel (coord.) Difusão da arquitetura moderna no Brasil: o patrimônio arquitetônico criado pelo Plano de Ação do Governo Carvalho Pinto (1959-1963). **Relatório do projeto de pesquisa referente ao Edital do convênio Condephaat/ Fapesp**. Processo - 2011/51108-0. São Paulo, 2015.
- BUZZAR, Miguel Antonio. João Batista Vilanova Artigas, **Elementos para uma Compreensão de um Caminho da Arquitetura Brasileira, 1938-1967**. Dissertação (Mestrado). São Paulo: FAU USP, 1996.
- BUZZAR, Miguel Antonio; CORDIDO, Maria Tereza Regina Leme de Barros; SIMONI, Lucia Noemia. A arquitetura moderna produzida a partir do plano de ação do governo Carvalho Pinto-Page - (1959/1963). **Arq.urb.** n. 14, p. 157-170, 17 dez. 2019.
- BUZZAR, Miguel Antonio; CAMARGO, Mônica Junqueira de; CORDIDO, Maria Tereza Regina Leme de Barros. **Os significados da mudança de paradigma arquitetônico advindo com o Plano de Ação de Governo de Estado/SP (PAGE) na gestão Carvalho Pinto (1959-1963)**. Anais. Recife: [s.n.], 2016.
- CABRAL, Neyde Angela Joppert; OTTONI, Dácio Araújo Benedicto. **A universidade de São Paulo: modelos e projetos**. 2004. 2v. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- CABRAL, Neyde Joppert. A Construção e Preservação da Cidade Universitária. In: Comissão de Patrimônio Cultural da Usp (Org.). **Cidades Universitárias: Patrimônio Urbanístico e Arquitetônico da USP**. 1. ed. São Paulo: Edusp, 2005. 360p.
- CAMARGO, Mônica Junqueira de. Inventário dos bens culturais relativos ao Plano de Ação do Governo Carvalho Pinto (1959-1963). **Revista CPC**, n. esp. 21, p. 164-203, 29 jul. 2016.
- _____. O Setor das Humanas como Patrimônio Arquitetônico e a História da Arquitetura Paulista. **Patrimônio Construído da USP: Preservação, Gestão e Memória**. 1. ed. São Paulo: Edusp. 2015.
- Centro de Preservação Cultural da USP (Org). **Patrimônio Construído da USP: Preservação, Gestão e Memória**. 1. ed. São Paulo: Edusp, 2015. 416 p.

Comissão de Patrimônio Cultural da Usp (Org.). **Cidades Universitárias: Patrimônio Urbanístico e Arquitetônico da USP**. 1. ed. São Paulo: Edusp, 2005. 360p.

CORDIDO, Maria Tereza Regina Leme de Barros. **Arquitetura Forense do Estado de São Paulo: Produção moderna, antecedentes e significados**. 2007. 343 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Escola de Engenharia de São Carlos - Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2007.

COSTA, Angélica Irene da. **As obras escolares do do Plano de Ação do Governo do Estado (PAGE): A educação em novas formas**. 2015. 183 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura, Instituto de Arquitetura e Urbanismo de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2015.

FAU-USP. **ACRÓPOLE**, nº 330, São Paulo, julho 1966. Disponível em: <<http://www.acropole.fau.usp.br/edicao/330>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

GFAU (Org.). **Corredor das Humanas**. São Paulo, 2009. 50 p.

LEOPOLDO E SILVA, Franklin. **Universidade, Cidade, Cidadania**. Org.: Valter José Maria Filho. São Paulo: Hedra, 2014.

MOREIRA, F. Os desafios postos pela conservação da arquitetura moderna . **Revista CPC**, n. 11, p. 152-187, 1 abr. 2011.

PINTO, Carvalho. **Plano de Ação do Governo**. São Paulo: Imprensa Oficial, 1959.

SÃO PAULO. Grupo Contravento. Secretaria da Cultura (Ed.). **Memória Moderna de São Paulo - Corredor das Humanas**. São Paulo: Grupo Contravento, 2017. 99 p.

WOLFF, S. Patrimônio edificado da USP e sua preservação. **Revista CPC**, n. 1, p. 121-127, 1 abr. 2006.

ANEXOS

ANEXO A - Entrevistas

Entrevista 1

São Paulo, 15 de agosto de 2018.

Entrevistada: Ana Beatriz Costa.

Thais Tavares: Você fala seu nome “eu autorizo essa gravação para fins acadêmicos”.

Ana Beatriz: Oi, meu nome é Ana Beatriz e eu autorizo essa gravação para fins acadêmicos, estou ciente que essa gravação está acontecendo.

Thais Tavares: Seu nome completo.

Ana Beatriz: Meu nome é Ana Beatriz Costa, eu fui estudante da FFLCH de 2010 até 2015, no curso de letras.

[...]

Ana Beatriz: Eu fui estudante de letras, tranquei a faculdade por divergências acadêmicas e problemas políticos. Minha trajetória na USP começou como uma mera estudante, sempre me envolvi muito com política, a vida inteira sempre foi uma coisa que esteve presente na minha vida, sempre gostei muito de participar de organizações, por mais que eu fosse um pouco tímida e isso não acontecesse muito na minha vida escolar. Mas durante a minha vida universitária eu comecei a participar mais. Durante o movimento estudantil eu era independente, nunca fui filiada a nenhum partido, nunca fiz parte de nenhum movimento estudantil organizado, desde movimento negro, movimento feminista. Inclusive, o movimento feminista (...) porque o coletivo mais antigo que tem é o da letras, dentro do campus universitário, e ele começou em 2011 e foi logo no ano seguinte que eu entrei. Quando eu entrei eu achava maravilhoso porque era incrível como as pessoas discutiam política o tempo todo, era inerente da Universidade essa discussão política sobre tudo.

Thais Tavares: Em que espaço isso se dava?

Ana Beatriz: Os espaços que se dava eram desde sala de aula até no vão, no morrinho, nos corredores.

Thais Tavares: E dentro da letras?

Ana Beatriz: dentro da letras, a letras tem um problema sério que é a temporalidade do prédio dela, e a temporalidade do prédio dela, o barracão que ela existe, ela não tem a

facilidade que tem o vão, de circulação, né, de ideias... As pessoas ficam no corredor, mas o corredor ele era muito uma forma de passagem, de intervalo.

Thais Tavares: E o espaço estudantil, existia uma sala, existia algum lugar?

Ana Beatriz: A letras não tinha um espaço estudantil, né. O que tinha dentro do CAELL era uma pequena sala do lado da papelaria que era ridícula e que não dava para ter espaço, então as reuniões de qualquer coisa dentro do movimento estudantil eram marcadas por panfletos, porque na época facebook não tava tão em voga, e as pessoas separavam uma sala e as reuniões aconteciam lá. Quando era calor essas reuniões aconteciam na porta da letras, né. Sempre foi um espaço ali na sociais, entre a letras e a sociais, sempre foi um espaço para conversas. Então essa vivência da Universidade foi muito forte pra mim no começo de minha vida universitária, tanto que após estourar a greve que foi em 2011, eu participei bastante das assembleias, as assembleias eram sempre muito lotadas em comparação com hoje em dia. Acho que uma das assembleias mais lotadas que eu fui foi em 2013, foi uma das últimas assim que foi durante a segunda greve que eu presenciei na Universidade, segundo jornais por causa da maconha, né? E a gente sabe que era muito mais do que isso.

Thais Tavares: Que período você estudava?

Ana Beatriz: Eu estudava à noite porque de manhã eu fazia faculdade... outra faculdade e sempre teve muito essa discrepância né, entre a letras de manhã e a letras da noite, principalmente pelo público. O público que frequentava de manhã era um público recém formado da escola, pessoas que não precisavam... não trabalhavam, pessoas de classe média mais alta, e as pessoas à noite, principalmente na letras, eram pessoas que já vinham de uma universidade ou que trabalhavam, ou enfim, de uma condição econômica divergente da minha. Não que não fosse tão divergente porque enfim, a gente sabe como a universidade é elitista, mas eu tive muito mais contato com pessoas de outras camadas sociais durante o período da noite do que no período da manhã, e isso politicamente, isso dentro da construção do espaço, da minha construção como indivíduo foi muito importante porque quando a realidade bate na sua cara, você tem que olhar pra ela.

Thais Tavares: Mas você acha que os espaços de construção política, eles se davam no período da noite assim...

Ana Beatriz: Cara, eu não posso te falar muito porque eu não tive muita aula de manhã, né. As minhas aulas, as poucas aulas que eu fiz de manhã, elas eram em outros institutos, então eu não posso falar muito sobre isso, mas o que eu via muito à noite, dentro do que eu construía, eram pessoas muito politizadas. Eu passava muito tempo na universidade, eu saía do SENAC de manhã, ia pra USP já à tarde e era sempre isso, sempre tinha alguém discutindo alguma

coisa sobre a política atual, sempre tinha pequenos grupos desenvolvendo política, não sei, acho que o espaço era melhor aproveitado. Eu acredito muito que na greve de 2013, no final da greve de 2013 depois do baque que a gente teve, a gente perdeu muito nisso. 2014 eu vi a grande derrocada assim... de espaço.. “Por que?” Antes você tinha muito mais vida na universidade, a universidade ela fazia parte das pessoas, então elas tinham festas, elas tinham saraus, elas tinham assembleias, e isso tinha uma validade, isso tinha um porquê, isso existia por algum motivo e era respeitado por todos. É... em 2014 as festas, no final de 2013 na verdade, as festas começaram a ser grandes... grande alvo de é... assalto, sequestro, brigas, justamente por um pela intervenção da polícia militar dentro do campus. A partir do momento que a polícia militar, durante a gestão Rodas, começa a entrar na universidade e começa a ter esse essa necessidade de uma ronda extensiva vinda do estado, você percebe que os polos de esquerda e os polos que lutam contra essa resistência são os lugares onde são mais afetados (...). Por exemplo, a ECA foi um lugar muito afetado, a FAU foi um lugar muito afetado, a FFLCH foi um lugar muito afetado porque eram pólos contrários a essa intervenção estatal, eram um polo contrário a intervenção da PM no campus, e eu acredito sim que tenha rolado alguma coisa ali no limbo político que fez com que a criminalidade aumentasse, porque partindo do pressuposto dos nossos governantes que quanto mais polícia menos treta, então a USP deveria ser um paraíso depois da intervenção da polícia e foi muito pelo contrário. Logo depois que foi assinado esse contrato, as coisas começaram a degradingolar. Começou a aumentar o número de assaltos, começou a aumentar o número de roubos, as festas começaram a ficar insustentáveis, então nós enquanto organizadores de qualquer atividade, começamos a ser boicotados pela universidade, por conta dessa greve de 2013 que foi super forte principalmente dentro (...) principalmente na FFLCH, mudanças de gestão... e isso realmente atrapalhou muito, muito, muito, muito. Rolou uma desmobilização pesadíssima porque teve uma treta com DCE que eles entregaram a greve na mão da reitoria, simplesmente a gente já tava quase conseguindo todas as pautas que era melhoria salarial dos professores, melhoria salarial dos funcionários, dentro da letras, pelo fim é... pela volta do gatilho de contratação, ou seja, quando um professor se aposentava, necessariamente a letras precisava colocar outro professor pra repor, no final da gestão Rodas isso não acontecia mais, isso foi cortado. Então você teve problemas estruturais na letras muito graves, você não tem professor, você não tinha... você tinha salas de aula superlotadas, caiu teto na cabeça de um amigo meu com um vespeiro (...) então você tem vários problemas estruturais em que a desmobilização vem de dentro, justamente por pessoas que vêm, que se inserem nesse contexto universitário sem uma mobilização política anterior, por diversos motivos, seja pela

banalização que vem acontecendo pela classe média (...) é... desde a banalização política que a classe média do governo Lula veio depois pela facilidade... enfim [...].

Thais Tavares: É, essa greve muito cheia, que teve bastante aderência em 2013 e o quanto isso mudou dos anos seguintes, né? Então eu acho que tem a ver com um pouco de uma frustração, né? Um movimento, é... cresceu muito em 2013, em vários âmbitos, não só dentro da universidade como na cidade como um todo, no país, né? No mundo inteiro eu diria porque tivemos muitas coisas. Porque talvez aconteceu esse rompimento nos anos seguintes, as pessoas acabaram se desiludindo com esse processo e acabaram esvaziando os espaços, a gente via que as assembléias, o envolvimento das pessoas com a universidade tava diminuindo, não sei, a própria questão das festas ficarem insustentáveis, as pessoas não estarem mais querendo frequentar ali porque tava muito hostil, muito perigoso, o que foi esse rompimento?

Ana Beatriz: É, essa desilusão ela se deu muito pelas perdas, né? Das pautas que a gente tinha. Eu vi a aderência de 2013 muito além dos movimentos organizados, tinha muita gente independente participando e construindo e criando e tentando melhorar realmente a universidade, então perder essa greve, eu considero que foi uma perda, por mais que uma vitória ou outra de pauta, a totalidade dela foi uma perda política porque a gente não teve, não conseguiu construir pra frente, sabe? O ano seguinte, 2014, muitas das pessoas que compunham o DCE e outros movimentos organizador, saíram pra candidatura, não sei, rolou esse baque né, movido pelas jornadas de junho que foi uma coisa muito importante dentro da movimentação política e a gente não soube trabalhar isso pras próximas gerações. Em 2014, as chapas de DCE eram compostas majoritariamente por bixos, por calouros que acabaram de entrar na universidade, e isso sem uma base de pessoas que já tinham alguma estrutura antes é muito complexo porque você precisa dessa história anterior, você precisa entender qual a importância desse espaço, você precisa entender que você não vai só ali numa festa encher o cu de cachaça e ficar tudo bem. Não é assim, a construção universitária ela passa assim: pelo reconhecimento do espaço, ou seja, como eu interpreto aquele espaço enquanto privado e coletivo. Privado não no sentido de privatizar, privado no sentido de indivíduo, do meu. E essa onda de violência que surgiram logo depois do contrato da PM com a reitoria fez com que muitas pessoas que já estavam cansadas das derrocadas e das derrotas de 2013, não quiseram seguir em frente em 2014, tiveram até um pouco de preguiça, confesso de minha parte que rolou uma certa preguiça, tipo mano, “já fiz tanta coisa, já tomei tanta porrada, não sei se eu quero continuar fazendo isso, tá ligado? Não sei se vale a pena continuar com isso”. Quando eu entrei a gente tinha shows no lago, ali onde é o anfiteatro hoje, do lado da

administração da FFLCH tinham festivais de músicas e era super tranquilo, organizado totalmente pelos alunos, era uma coisa totalmente autônoma, desde a organização do DCE até por independentes mesmo, “ah, tem uma banda e vamo montar um sarau lá”, e montava, e faziam, a universidade era muito mais aberta pra isso, então eu vejo também um pouco de política interna da universidade, de achar que o problema da criminalidade, que foi o grande problema de desmobilização política porque quando pega no cu memo que você tem um 3 oitão apontado na sua cara e todo mundo fala “opaaa”, ou você perde o seu celular ou o vidro do seu carro é roubado, enfim. Nesse baque violento da opressão do mundo é do estado, as pessoas enfraquecem, elas criam outras formas de militar, e eu vejo que o movimento estudantil perdeu muito nisso, porque o movimento estudantil era muito baseado nos organizados e quando os organizados pegaram e foram fazer sua candidatura fora, eles dificultaram as coisas dentro, tanto que em 2014, no começo de 2014, eu já tava na bateria, eu organizei junto com o pessoal da gestão de 2014, tentei chamar todos os centro acadêmicos pra poder conversar sobre a situação da violência, pra tentar resolver dentro o que tá acontecendo, eu fui boicotada, eu não né, nós fomos boicotados pelos próprios centro acadêmicos que falavam “mano, atlética e bateria não podem chamar um negócio desses porque eles não são centro acadêmico”, então você tem muito uma resistência e uma disputa política interna dentro que dificulta tudo que vem de fora, então isso é só uma contribuição pra cada vez mais você ter uma desmobilização. O que a diretoria pensa a respeito de festas? Pra ela é um estorvo. Desde 2012, aquela festa fatídica em que rolou um vandalismo pesado na universidade, dentro da FFLCH, principalmente na história e geografia, rolou uma pressão da própria diretoria em eliminar esse tipo de atividade, porque pra eles esse tipo de atividade não condiz com o cenário acadêmico, mas é muito pelo contrário, porque tem uma ligação pela universidade que não é simplesmente acadêmico, não é simplesmente profissional, você consegue ter uma ligação com aquele espaço, e depois quando você se formar vai querer retribuir para aquele espaço, vai querer retribuir pra que aquele lugar seja melhor. Em 2012, a festa do fim do mundo foi um erro, que o ex presidente da atlética cedeu o espaço sem ter conversado com ninguém dentro da construção do espaço, e liberou o espaço pra rolar uma festa de dubstep, essa festa de dubstep sem nenhum representante de nenhum lugar dentro da FFLCH, foi um caos, colaram várias pessoas que só viam aquilo ali como um espaço vazio que picharam, que quebraram as coisas, que arrumaram várias tretas, que deixaram o vão um lixo, que fez com que começasse uma política de tolerância zero a festas.

Thais Tavares: É... então eu queria falar um pouco também agora sobre o uso do espaço do vão, pra socialização dos alunos ali, você falou que você chegava na universidade cedo e

esperava até tarde na aula. Como que eram os espaços de espera ali, tipo, tinha um lugar pra você ficar ali por perto? E eu também queria que você falasse um pouco sobre o fórum do espaço aquário e como ele funcionava ali dentro da dinâmica do vão?

Ana Beatriz: Quando eu entrei, o aquário ele tinha muito mais coisa, ele tinha uma mesa de sinuca, ele tinha uma mesa de pebolim, ele tinha uma mesa de ping pong e isso era muito utilizado. E dentro do vão acho que em 2010 já tinham as mesinhas, eu confesso que elas são tão inerentes na minha realidade que eu não sei se elas começaram a existir depois ou se elas existiram desde sempre. Mas esses espaços tipo o morrinho, o vão, nas próprias mesinhas e o espaço aquário eles eram muito mais freqüentados, né. Eu não sei, eu vi muito, sei lá, 2013 pra cá, as pessoas freqüentando menos os espaços. Eu vou falar um pouco do fórum do espaço aquário. O fórum do espaço aquário ele já existia, mas ele ficou parado durante muito tempo e a gente reviveu ele em 2012. “12?”. Acho que foi, não lembro, preciso parar pra recordar. Justamente pra ter um diálogo né, entre as salinhas do aquário. “Por quê? O que é o espaço aquário?”. O espaço aquário ele sempre foi um espaço de disputa, porque ele é um espaço vazio perante a universidade, e a universidade colocou o xerox, e antes onde é a atlética era um bar, e esse bar causou diversos problemas para universidade porque ele era um ponto de drogas, e não era uma, enfim, há boatos que tinha ligação com o crime organizado, não era uma coisa agradável, tanto para universidade quanto para segurança dos alunos que ali viviam. Com a fechada desse bar, a atlética que antes era na letras, ali onde é a papelaria naquela sala minúscula, mudou pralá. Desde então, o espaço ficou determinado pra atlética. Quando a gente começou a pensar no fórum do espaço aquário, a gente pensou que as entidades que ali habitavam tivessem um diálogo. “O que seria esse diálogo?”. A gente saber quem são as pessoas de cada gestão, a gente poder contar com elas, a gente poder construir coisas juntos, então esse foi o intuito do espaço aquário, principalmente organizar cervejadas. Você pode cortar isso porque a gente não pode falar de venda de cervejas, mas só pra você saber, as cervejadas são a única fonte de renda das entidades. A fonte de renda fora a venda de camiseta que é uma coisa que acontece começo e fim de semestre, é... enfim, acho que essas são as duas grandes pontos de se manter. E a atlética como ela tem muitas modalidades, ela usava esses dias de cervejada, para cada modalidade conseguir juntar sua grana, pra poder fazer, participar de campeonato, comprar equipamento e enfim, porque não tem mensalidade né? As modalidades da atlética não pagam uma mensalidade porque todo mundo que é da FFLCH é da atlética, isso faz parte do estatuto da atlética inclusive. Quando a gente construiu o fórum do espaço aquário era justamente para que as outras entidades também tivessem a oportunidade de ter um calendário e conseguissem reverter esse dia de cervejada pra ter suas

próprias rendas e foi a partir dessa discussão que a gente conseguiu estipular que 3 semanas do mês seriam destinadas a atlética, ela poderia organizar do jeito que ela quisesse e a última semana ficava restrita cada dia a uma entidade.

Thais Tavares: Quais eram essas entidades do começo?

Ana Beatriz: Cahis, Centro Acadêmico de História; Cege, Centro Acadêmico de Geografia; a rádio várzea, que existia na época; a bateria Manda Chuva e a Atlética. E o próprio fórum do espaço aquário que a gente tinha uma ideia de que ele tivesse um caixa para que a gente conseguir fazer atividades. Dentro do fórum do espaço aquário outra necessidade que surgiu era a manutenção do espaço, porque a partir do momento que a gente se diz dono do espaço, a universidade não entrava mais lá, então a faxina terceirizada não entrava mais lá, a pintura tava completamente degradingolada, o piso tava zuado, o encanamento tava zuado, a luz tava zuada, tinham várias coisas que estavam quebradas que a gente queria arrumar, porque era um espaço que a gente queria deixar cada vez mais salubre, pra cada vez mais as pessoas que não eram vinculadas a nenhuma entidade tivessem aquele espaço também como seu, porque a partir do momento em que a gente pensa em que a pessoa se sente confortável naquele espaço, ela vai criar uma identidade com aquele espaço, isso foi uma coisa que a gente pensou muito durante o fórum do espaço aquário, então uma das medidas que a gente teve foi reformar o espaço. “O que que era reformar o espaço?” Como que um prédio que por mais que seja um espaço autônomo estudantil, a gente não tem dinheiro e condições de fazer nenhuma grande reforma dentro do espaço. Então a gente dentro dos permeios da universidade começamos a tentar descobrir como ela poderia arrumar esses espaços e mostrar pra diretoria mesmo que a gente tinha interesse de manter aquele espaço de uma maneira salubre, que a gente tinha uma necessidade de manter aquele espaço de uma forma agradável para todos os estudantes, sejam eles pertencentes a alguma salinha ou sejam eles simplesmente que vai lá fazer xerox. Fora que, há pessoas que fazem comércio lá dentro e a gente acha importante que essas pessoas tivessem condições adequadas de trabalho. Dentro disso descobriu que a universidade, que a partir do momento você fizesse um requerimento com a autorização do chefe de departamento, a gente poderia entrar com pedido para reformar esses espaço, e foi o que a gente fez, a gente reuniu assinatura de cada representante de todos os espaços reconhecidos pela universidade, ou seja, a rádio várzea não fazia parte disso porque a rádio várzea nunca foi reconhecida como espaço, inclusive depois a gente pode entrar nesse assunto porque ela tem diversos problemas em relação a isso. É, e daí a gente pediu o requerimento e dentro desse requerimento a gente foi bem claro com a questão do autonomia do espaço ela não pode ser é... qual que é a palavra? Quebrada. Ou seja, qualquer reforma que a gente tenha pedido a

partir do prédio, ela não poderia ser usada como desculpa para poder fechar o espaço. E a gente conseguiu porque a gente tinha um diálogo muito bom com a diretoria da época, a diretoria do prédio no caso, que era o Marcelo... Maurício Cardoso e o outro cara, o velhinho da geografia... Colângelo. A gente conseguiu essas assinaturas deles, eles foram super ponta firmes nessa questão, e quais foram as reformas que a gente fez? A gente conseguiu a pintura das paredes, a gente conseguiu a troca de alguns azulejos que estavam quebrados, desentupimento dos canos, troca de iluminação e arrumação da fiação, não foi uma mega reforma, mas enfim, foi mais do que já havia sido feito nos últimos 40 anos. Então deu uma salubridade pro espaço, dentro disso a gente tentou manter um calendário de limpeza, ou seja, cada entidade era responsável durante um dia da semana de cuidar da limpeza do espaço: varrer o espaço, lavar o espaço. A gente tentou montar diversos eventos pra que não só as pessoas que tinham uma salinha, que tinham uma ligação ali dentro daquele espaço por uma questão de entidade, pudessem participar. A gente também tentou montar um cineclube lá dentro, conseguimos passar com sucesso um filme “Polytechnique” que teve umas 30 pessoas pra assistir no período da tarde, foi muito legal, depois teve uma roda de conversa, mas por boicote de centros acadêmicos e de pessoas organizadas, a gente não conseguiu levar isso pra frente, enfim, cansa né? Cansa pra caralho, ih, as outras pessoas que faziam parte e que estavam mais presentes no fórum comigo, começaram a fazer outras coisas, e assim como eu, não conseguiram dar a devida atenção pro que deveria ser dado, e essa foi a grande derrocada do espaço aquário. Não acho que tenha sido em vão, não acho que tenha sido uma derrota a forma de mudança da estrutura do fórum, muito pelo contrário, por mais que eu postasse toda vez “porra galera, não foi ninguém na reunião” pelo menos as reuniões tentavam acontecer, as coisas tentavam ser debatidas ali dentro.

Thais Tavares: Em que âmbito essas reuniões e esse fórum tentava regulamentar o uso do espaço pra por exemplo, evitar coisas que aconteceu naquela festa de 2012 assim, onde não existia nenhum representante, onde ninguém sabia como funcionava a dinâmica do prédio, mas mesmo assim foram pessoas externas lá e fizeram uma festa que por não ter nenhuma relação de afetividade e de cotidiano com aquele lugar acabou deteriorando e depredando aquele lugar?

Ana Beatriz: O fórum do espaço aquário tentou se legitimar principalmente pra diretoria entender que aquele espaço não era bagunça, que aquele espaço era um movimento autônomo, organizado, que a gente tinha sim uma ideia de construir alguma coisa a mais, não só pras pessoas que tinham alguma ligação de entidade, mas também com toda comunidade acadêmica pra poder coexistir junto com a universidade. A gente tinha uma ideia daquele

espaço... porque o espaço aquário é um espaço constante de disputa, tanto que o fato da gente não ter a chave do espaço, o fato da gente não poder entrar no espaço o tempo todo já mostra uma regulamentação por conta da reitoria né?

Thais Tavares: Um medo também né por parte da diretoria de que aquele lugar, não sei..?

Ana Beatriz: É, eu acho que o bar, e o ponto de venda de drogas ali, foi um baque muito grande da autonomia e da repressão, não da repressão, mas da institucionalização da própria diretoria com o espaço. Então essas formas de regulamentar, foram formas de tentar segurar cada vez mais esse espaço, com o espaço da universidade sem nenhum vínculo estudantil, o que é uma falácia né? Tanto que em 2012 logo na, antes da semana santa, na atlética nós tínhamos contabilizado uns 100 fardos de cerveja na atlética, quando a gente voltou da semana santa tinham 10. Não to exagerando. Realmente aconteceu, e quem teve acesso aquilo eram os próprios guardinhas da universidade, então a gente vê um descaso desse espaço, e uma forma meio de “Ah tá vendo, vocês querem fazer festa, olha o que acontece quando vocês fazem festa, tem assalto, ah, vocês querem deixar a cerveja aí, o que acontece, tem roubo”. Então você acaba criando essa instabilidade pra você conseguir desarticular o movimento.

Thais Tavares: É legitimar uma repressão.

Ana Beatriz: É legitimar uma repressão, exatamente. Você legitima o aquário ficar trancado sempre e você só conseguir abrir a partir de um ofício que apresente quem é você pra abrir isso, justamente para falar “Olha, a gente tá controlando, tem um responsável, então se alguma coisa sumir a culpa é dessa pessoa, a culpa não é nossa”. Então você começa a se eximir de culpas e de condutas que a universidade é conivente pra poder falar: “aí não, tá dando muito trabalho esse negócio aí de autogestão, vamo acabar logo isso, tá dando muito certo esse negócio das pessoas ficarem conversando e resolverem o espaço por sua conta”. Então essas pequenas coisas vão cansando, e a partir disso você começa a desmobilizar o movimento. Que mais você quer que eu fale?

Thais Tavares: Eu quero falar um pouco mais sobre as coisas diferentes que você viu ocorrendo naquele lugar, tipo tentar resgatar um pouco na memória, tipo, a gente falou de assembleias, falou de festa, mas coisas é... coisas diferentes tipo comércio, feiras, brechós, isso acontecia ali assim?

Ana Beatriz: O comércio alimentício sempre existiu né? Porque... é uma regra básica do capitalismo, necessidade, oferta e procura. Básico, Marx já falou bastante sobre isso. Então você tem uma necessidade do público estudantil de se alimentar de uma forma barata ou de se

alimentar depois que o bandeirão já fechou de uma forma menos cara. Então você acaba criando essa condição, né. As pessoas que vendem ali dentro são pessoas da comunidade São Remo, ali do lado. Que também tem necessidade de ter um comércio num lugar protegido, de conseguir manter as suas coisas, e óbvio elas têm preocupação sim de manter um sanitarismo. Talvez não seja dentro o que se espera das vigilâncias sanitárias, mas a própria universidade não dá condições pra isso. A universidade ela dá condição pra pessoas que pagam aluguel, pagam uma fortuna de aluguel, esse aluguel não é revertido pro prédio. A gente não vê essas melhorias sendo revertidas pro prédio. A letras não tem lixeira. O que adianta você pintar a parede pra colocar lousa sendo que você não se preocupa em ter professor. Eu entro numa sala de aula que era pra 30 pessoas com 80. Como você vai assistir aula dentro disso? Como que você quer manter o aluno dentro disso? “Ai, o aluno tem que ficar porque ele tem que gostar do que ele faz”. Não, ninguém é obrigado a sofrer. Dentro dos espaços já tiveram exposições organizadas pelos alunos em sala de aula, que foram colocadas no espaço estudantil pras outras pessoas da própria comunidade assistirem. Tiveram saraus, diversos saraus de movimentos LGBT, de movimento negro, porque a cultura ela faz parte da academia. E a cultura ela não é simplesmente o que a cátedra te fala. Ela é um movimento pulsante dos alunos que estão naquele momento. A minha geração é completamente diferente da geração de 20 anos atrás, que vai ser completamente diferente da geração de 5 anos pra frente. “Por que?”, porque a gente tá num momento de reprodutibilidade técnica onde as coisas são muito mais rápidas. Então a divergência de gerações é cada vez mais gritante, tem uma quantidade muito menor de tempo. E se você não consegue criar um laço afetivo dentro da universidade, um laço onde as pessoas realmente se identificam com o lugar, você não consegue criar uma identidade universitária. “E o que é a identidade universitária?”. Ela não é só a construção dentro de sala de aula. Ela também é a construção fora de sala de aula. Uma coisa que foi fundamental na greve de 2013 foi a participação dos professores. A greve não era esvaziada porque os professores iam lá e faziam aula pública na frente da reitoria. Iam lá e faziam aula pública no vão. “Aula pública a respeito do quê?”, a respeito do momento que o país estava vivendo, a respeito dos movimentos internacionais, a respeito dos movimentos nacionais, a respeito de diversas coisas que eram pertinentes para universidade. A universidade não é pertinente só dentro da cátedra, dos grandes pensadores do século XX, ela tem que ser dinâmica, ela tem que ser conivente com o tempo, ela tem que dar oportunidade pro jovem não ficar sobrecarregado simplesmente pelo fato de “ai meu Deus, eu preciso me formar e me inserir logo no mercado de trabalho”, dentro do capitalismo isso é inerente, isso é necessário, porque o capitalismo pede que as pessoas seja simplesmente uma peça da engrenagem e que

elas não fiquem lá estagnadas criando do seu ócio. Mas o ócio é importante sim, é importante sim ter um espaço de mesinha, de convivência, onde você sente com seu amigo e você fala desde o mapa que você tem que entregar na semana que vem até uma coisa que está te afligindo, porque um dos grandes males da universidade é a saúde mental dos alunos. É o grande mal da universidade, você simplesmente ignorar que a pessoa é um indivíduo e não uma máquina. Que absurdo é esse ter que dar 10 textos pro aluno ler em uma semana, três deles em espanhol arcaico, outros dois em espanhol moderno, que era o meu caso na letras que eu fazia espanhol, e ao mesmo tempo apresentar um seminário, trabalhar, no meu caso eu fazia duas faculdades, tinha o dobro de trabalho para entregar, de material pra ler. Tudo bem, eu optei por isso? Eu optei por isso. Mas as pessoas trabalham por necessidade. Então você tá falando prum jovem que tá ali trampando pra se manter na universidade, que ele não consegue se manter na universidade porque ele não lê 10 textos em uma semana. Não são 10 textos que você lê numa sentada, não é um twitter que você vai passando e dando like. Você precisa sentar, refletir, pensar no que você teve durante a aula, daí o cara tá cansado, fodido, vem pra uma aula que tem 80 pessoas e o professor não sabe nem o seu nome, não tem como você construir pessoas, isso faz parte de um projeto muito maior que vem do governo do PSDB, numa tentativa de privatização do ensino público, que é justamente isso, você sucateia o máximo que você der pra falar “olha o Estado não dá mais conta”, o estado dá conta sim, mas o estado não quer dá conta, porque pro estado é muito mais lucrativo ele vender a parada, do que ele manter a parada. Porque é muito mais barato você formar professores e investir na educação do que você continuar construindo presídio e investindo no sistema penitenciário. A gente enxerga muito a universidade dentro do seu individualismo, mas a gente esquece que isso faz parte de um projeto muito maior, de um projeto de sucateamento da educação, de um projeto de emburrecimento da população, justamente pra que os governantes que desde então habitam, continuem onde eles estão, porque é muito conveniente pra eles dentro do sistema que a gente vive.

Entrevista 2

São Paulo, 21 de maio de 2019.

Entrevistado: Milton Renato Ranzini.

Milton: “Eu Milton Renato Ranzini Neto autorizo a gravação desta entrevista para fins acadêmicos.”

Thais Tavares: Ótimo.

Milton: Muito bem.

Thais Tavares: Muito obrigada, queria que você falasse quando você frequentou a FFLCH?

Milton: Então eu frequentei a FFLCH de 1982 a 1985.

Thais Tavares: Sim

Milton: Isso aí. No curso de história .

Thais Tavares: O que eu queria perguntar , além desse período como foi sua trajetória dentro da universidade, você entrou em 82 e depois?

Milton: Bom depois eu fiz licenciatura na...

Thais Tavares: Na Feusp.

Milton: Isso, faculdade de educação. Mais dois anos se não me engano. E aí coincidentemente eu acabei arranjando um emprego dentro da USP, no IPEN. Então acabei circulando nos últimos trinta e muitos anos por aqui .

Thais Tavares: Sim.

Milton: Mas foi um caso fortuito. E agora meus dois filhos estudam aí também e eu continuo aqui.

Thais Tavares: Uhum... uma longa história familiar.

Milton: É.

Thais Tavares: É. Eu queria também perguntar, ao longo desses anos todos de USP os lugares que você frequentava, se você chegou a frequentar o cepeusp?

Milton: Sim, sim. Naquela época tinha educação física, e eu cai na besteira de fazer natação. No verão foi fantástico a noite, mas no inverno a gente tinha que usar o calção de lã! A minha história aqui na USP é anterior. Meus pais e minha família foi toda formada aqui , eu andava por aqui desde pequeno. Cheguei a ser parado pela polícia na ditadura, meu pai teve que sair do carro e essas coisas todas.

Thais Tavares: Aqui dentro?

Milton: Sim.. Ih...

Thais Tavares: Essa situação era comum ?

Milton: Sempre tinha. A USP era aberta, hoje em dia é difícil de acreditar, mas ela não tinha muro, era aberta.

Thais Tavares: Isso é importante.

Milton: Ih... a gente vinha aí pra andar de bicicleta, pegar água numa bica que tinha aqui perto, ali na Corifeu.

Thais Tavares: Onde?

Milton: Não saberia mais localizar , mas havia uma bica d'água e as pessoas vinham pegar água e eu vinha andar de bicicleta ou visitar meu tio que era professor da poli. Ele operava um dos primeiros computadores que chegaram a vir pro Brasil que ficava dentro do cirquinho da poli, hoje é outra coisa lá.

Thais Tavares: Interessante!

Milton: Aqueles computadores de rolo, que a gente vê em filmes de ficção científica antigos . E eu sempre habitei pela USP, eu estudei aqui perto numa escola que não existe mais. Era uma escola experimental do Jockey Clube que ficava próximo à Tok&Stok atualmente.

Milton: E eu tinha muitos colegas que moravam aqui por perto e vínhamos sempre aí passear. Depois eu passei a estudar no Guaracy Silveira que era uma escola estadual industrial que ainda existe, ela fazia parte de um projeto piloto de escolas profissionalizantes e meus colegas todos eram moradores aqui da região, alguns eram filhos de professores aqui. Ah....a Avenida Politécnica tinha um riacho e a gente ia brincar lá, fazer barquinho, soltar foguete, andar de bicicleta, então eu sou um habitante da ...

Thais Tavares: Da região.

Milton: Da região desde que eu tinha sei lá, seis ou sete anos.

Thais Tavares: Morava aonde?

Milton: Eu morava perto do centro da cidade, perto do túnel da Nove de Julho.

Thais Tavares: Você vinha do centro pra cá?

Milton: Onde é o shopping eldorado, era um monte de campinho de futebol, meu irmão vinha jogar .

Thais Tavares: Campinhos de várzea.

Milton: As vezes eu vinha, é... exatamente.

Thais Tavares: Por aqui acho que você presenciou e viu muitas mudanças dentro da universidade.

Milton: Muitas, muitas.

Thais Tavares: Quando a USP criou esses muros? Uma vez que você conheceu a universidade sem muros...

Milton: Então foram criados chutaria, uns 20 e poucos anos eu não tenho certeza, na época foi muito criticado, eu acho que ainda são criticáveis até hoje, é difícil pra pessoas que conheceram a USP já com muro explicar o que isso significou ou significaria se eles deixassem de existir, eu não sei dizer. É... mas é uma pena! Porque a USP fazia parte de um bairro, de uma comunidade que havia entorno. Os professores moravam na Vila Madalena por ser o lugar mais barato que tinha pra morar. Aliás...

Thais Tavares: Quem diria!

Milton: Pois é. Esse meu tio que era professor da poli morou lá por ser barato e perto da USP. Então havia uma interação entre o entorno e o campus. Hoje já não é tão assim .

Thais Tavares: Mas como foi, você lembra como foi a subida do muro em si?

Milton: Lembro, lembro. Eles foram feitos em partes . Começou pelo que me lembro ao menos no lugar que eu passava na raia olímpica, ali no portão 2 e depois na Corifeu e aí quando a gente se deu por conta, já estávamos cercados.

Thais Tavares: Cercados, fato!

Milton: é.... mas eu me lembro inclusive, já que é pra lembrar de construções, eu me lembro inclusive da construção do prédio da história e da FAU .

Thais Tavares: Sim, tenho algumas fotos aqui.

Milton: Porque meu tio era engenheiro civil e ele fazia parte do Fundusp.

Thais Tavares: Fundusp.

Milton: Lembro de ter vindo pequeno com ele fim de semana visitar as obras, que é o tempo que ele tinha pra vistoriar e eu vi essa coisa toda no início.

Thais Tavares: Ele era engenheiro?

Milton: Engenheiro civil do fundusp e professor da poli, nas últimas décadas era da pós graduação.

Thais Tavares: O nome dele?

Milton: Stelvio. O nome daquela cidade da Itália, não sei. Stelvio Ranzini... que foi... colega e depois professor do Zarattini. Carlos Zara e Ricardo Zarattini tudo. Depois... tiveram que sair porque partiram para luta armada. É sério. Foram presos, exilados, quando voltaram ele foi professor do Ricardo.

Thais Tavares: Entendi. Você se lembra de situações, histórias da família, de alguma mudança que aconteceu dentro da USP quando houve o golpe militar?

Milton: Sim, assim, que eu tenha presenciado mesmo foi que, eu costumava, que nem eu falei, brincar aí, andar de bicicleta e tal, e a gente foi parado algumas vezes, por barreira policial no que é o P1 hoje, o carro revistado e me lembro de uma vez até que fiquei muito entusiasmado, porque tinha, acredite se quiser, tinha um tanque de guerra estacionado ali na Waldemar Ferreira!

Thais Tavares: Nossa!

Milton: Pra mim aquilo era fantástico mesmo, eu não entendia muito o que estava acontecendo.

Thais Tavares: Ah... era só grande.

Milton: Mas eu achava que alguma coisa muito boa não era, até porque meu pai foi colega de poli do Mário Covas, e ajudou o Mario Covas a fugir mas não entendia o que estava acontecendo. Eu era pequeno e achava que a polícia estava do nosso lado. Mas na minha cabeça de criança percebia que tinha alguma coisa errada acontecendo, é essa lembrança que eu tenho.

Thais Tavares: É.. você falou que lembra mais ou menos da construção dos prédios.

Milton: Sim, sim, lembro. Principalmente do prédio da matemática, se eu não me engano ele foi feito de concreto pré moldado.

Thais Tavares: Sim.

Milton: E eu vim com meu tio ver se estavam encaixando direito as peças tal. Hoje meu filho estuda lá.

Thais Tavares: Sim.

Milton: Eu lembro direitinho até do canto que a gente foi ver se estava no prumo e esse tipo de coisa. Eu tinha uns cinco ou seis anos sei lá, é isso aí.

Thais Tavares: De acordo com histórico que eu estudei o prédio da FAU e da FFLCH foram construídos de fato com alvenaria, já os outros foram construídos com pré moldados importados, pela necessidade de rapidez na construção.

Milton: Minha lembrança é essa mesma.

Thais Tavares: Nossa que legal. Depois de todo esse tempo e essas lembranças de infância construídas aqui na USP quando você de fato veio estudar aqui, sua visão em relação aos prédios, ao espaço mudou em comparação ao que você já conhecia?

Milton: Então, como eu já tinha essa vivência anterior não foi uma surpresa. A surpresa foi do ponto de vista escolar, acadêmico, digamos. Pois eu larguei o curso de engenharia mecânica, foi uma experiência terrível, tanto que larguei. Aí quando entrei aqui a coisa mudou. Quer dizer, pela primeira vez achei legal vir num lugar, ter uma convivência, ter uma

relação legal e não conflituosa entende? Essa experiência me marcou mais do que espaço que já de certa forma eu conhecia.

Thais Tavares: Você lembra de coisas que já aconteciam no vão , consegue lembrar de coisas diferentes?

Milton: Sim, sim porque justamente quando eu entrei aqui, foram as primeiras eleições pra governador, depois teve o movimento das diretas, então, aquilo meio que estava numa certa efervescência. E... foi uma coincidência que também marcou no ponto de vista de atividade e de movimento político .

Thais Tavares: Como você lembra do movimento das diretas?

Milton: As diretas começaram é... no início foi uma certa surpresa, eu achei que não ia rolar porque começou com um comício do PT no Pacaembu em 82 se não me engano, no início de 82. Eu achei que aquilo era uma coisa meio esquisita. Mas a coisa foi andando pra frente... o pessoal da USP de uma forma geral se engajou naquilo e houve um acoplamento aí com os movimentos sindicais e a coisa foi mais pra frente do que eu no início imaginava. Foi uma experiência de vida, foi a primeira vez que percebi alguma coisa se movendo na estrutura da sociedade. Depois percebemos que não era, não foi tanto assim, mas na cabeça de alguém com vinte anos era o que a gente via e é uma lembrança boa que eu tenho até hoje.

Thais Tavares: Existiam mobilizações aqui dentro da universidade mesmo?

Milton: Ah sim, é, sim, sim, inclusive no vão da história! Todas as reuniões e comissões e tal, eram feitas nas rampas da história e geografia.

Thais Tavares: Você tem lembranças além dessa parte das assembléias, das reuniões, do movimento político estudantil, você lembra se lá já existia o comércio de livros e de alimentos?

Milton: Já, já existia. Já existia. Ih... a feira do livro da USP que hoje parece que é a segunda do Brasil, se já não é a primeira, começou ali com umas banquinhas de madeira e a gente conversava com os autores dos livros e você até conseguia chegar perto da banquinha e olhar os livros.

Thais Tavares: Hoje já não se consegue.

Milton: Hoje já não se consegue mais. Então, naquelas catacumbas laterais digamos assim, vendia-se de tudo ali, desde livros usados até baseado. E a lanchonete era bem legal, bem simples, a gente ficava até tarde da noite lá, às vezes tomando cerveja com os professores inclusive, hoje nem sei se pode vender cerveja, sei lá. Mas era uma coisa bem mais informal e agradável. Era uma comunidade mais informal e mais unida inclusive.

Thais Tavares: Esse comércio de comida ele era só da lanchonete mesmo?

Milton: Só.

Thais Tavares: Tinha vendinhas mais separadas assim?

Milton: Tinha, tinha. Tinha inclusive alguns colegas e umas colegas de classe que vendiam coisas lá porque não tinham grana tal, então elas precisavam vender

Thais Tavares: Desde?

Milton: Elas vendiam doce, tal

Thais Tavares: Brigadeiro?

Milton: E a gente ficava até tarde lá tendo aula, que às vezes se estendia até depois do horário normal, aí era um problema porque depois não tinha mais ônibus pra voltar pra casa. Eu cheguei a ir pelo menos umas duas vezes ou mais a pé da USP até a Teodoro e uma vez até a Paulista. Cheguei em casa pra lá de duas da manhã e tal.

Thais Tavares: A sola do sapato gasta.

Milton: Mas era o preço que se pagava pra se conversar com Nicolau Sevcenko, Fernando Novais, Jobson, que eram todos professores.

Thais Tavares: Uma oportunidade estar ali conversando

Milton: Com a filha do Florestan Fernandes que dava aula ali na sociais.

Thais Tavares: Ao longo dos anos você lá na FFLCH percebeu alguma mudança do espaço? Você lembra, porque lá também teve essa coisa de fechar as laterais. Queria saber se você viu isso?

Milton: Não, não vi.

Thais Tavares: De alguma mudança no prédio em si.

Milton: Eu estive muito poucas vezes lá depois que eu saí. Então não sei dizer. Mas tenho impressão que, isso é uma impressão, que lá, a USP de uma forma geral se aburguesou um pouco, a gente critica e tal, mas é o que a gente vê. Tanto que ninguém, nenhum de nós tinha carro, e nos estacionamentos cresciam mato! Hoje você não consegue parar nem na rua. Isso pra usar um índice que é a posse de um carro, mas você percebe outros sinais. É só uma impressão, não tenho dados concretos.

Thais Tavares: Não, a nossa impressão é importante.

Milton: Mas isso eu não posso dizer em relação as mudança do prédio. Porque fui lá poucas vezes, eventualmente na tal da feira do livro por exemplo.

Thais Tavares: Essa parte, esse negócio que você falou do aburguesamento da universidade, você falou desse parâmetro do carro, você percebe isso de outra maneira? Também nas percepções, tranquilo.

Milton: Então, é que me parece que teve, mudou duas variáveis, então fica difícil saber, uma é que... por um lado ... as políticas de inclusão do pessoal com renda menor e tal aumentou, então você vê gente de escola pública, uma quantidade maior do que se via antes, negros, etc. Agora por outro lado a população de alunos da USP cresceu muito me parece. Então, eu não sei se fazendo a conta essa porcentagem, vamos dizer assim, melhorou ou piorou digamos, enfim, pra que lado foi isso, eu não sei dizer, teria que pegar os dados e fazer uma continha aí.

Thais Tavares: É... você percebeu, ao longo desses anos todos, a influência da gestão da universidade dentro de tudo que acontece aqui?

Milton: Percebi, muito por cima assim. Mas, me lembro da Ermínia Maricato, que foi prefeita da USP e depois secretaria da educação da Erundina, ela tinha uma visão de administração do campus, bem mais arejada e articulada do que eu vejo hoje que é um pessoal mais ligado à gestão, uma gestão mais careta, mais autoritária, discriminatória até. O próprio muro da USP talvez fosse um exemplo. É isso. E você, por exemplo dá prioridade ao carro e recentemente, me lembro de uns 10 anos pra cá que começaram a perceber que a USP não tinha calçada, e aí começaram a fazer, aí você percebe que alguma coisa andou por um caminho “aburguesatório” digamos assim, essa é a impressão que eu tenho.

Thais Tavares: Belos asfaltos, sem calçadas.

Milton: Estacionamentos. Os próprios circulares né, os ônibus. Priorizar algum tipo de transporte mais público, mais pro pessoal andar a pé e de ônibus e é uma coisa muito recente que alguém lá viu que estava indo no caminho errado. Talvez fosse o caso de voltar no tempo da Ermínia Maricato.

Thais Tavares: Sim, mesmo na mudança do circular cinza pro circular laranja. Antes era só acenar com a mão e entrar.

Milton: E o absurdo aí ao meu ver , não sei se estou enganado, mas não tem uma saída de metro para dentro do campus, que tem pra lá de cem mil habitantes digamos assim. Aí você é obrigado a parar lá na casa do carmelito e aí arranjar um jeito de chegar aqui dentro.

Thais Tavares: Filas intermináveis nos ônibus.

Milton: Exatamente. Não precisaria por uma estação aqui. Bastava uma passagem sei lá.

Thais Tavares: Sim. A gente tem na cidade como um todo aquelas passarelas com esteiras rolantes.

Milton: Sim, alguma solução. Aliás, se tem alguém que talvez pudesse dar uma solução seria gente aí da comunidade da USP, da Poli, da FAU, enfim. E se ignorou literalmente esse pessoal.

Thais Tavares: A própria comunidade teria muito a acrescentar se pudesse ser ouvida.

Milton: O próprio fundusp acho que nem existe mais né?

Thais Tavares: Virou comissão de....

Milton: Comissão de porra nenhuma.

Thais Tavares: é... SEF. Alguma, não me lembro qual que é o nome.

Milton: É alguma....

Thais Tavares: é alguma coisa que não faz muita coisa. Superintendência do Espaço Físico. Eu que tentei ir lá, ingênua né? Eu bati lá “gente eu gostaria de conversar sobre”, aí ela olhou pra mim e falou “você tem hora marcada?”, eu falei “não”, então ela falou sinto muito.

Milton: Não foi só o aburguesamento, foi à burocratização né? Se é que uma coisa não tem a ver com a outra.

Thais Tavares: Eu acho que tem. Por fim, só uma pergunta meio geral. Como você disse do momento das diretas, que viu grandes reuniões acontecendo lá dentro do espaço e todos os seus momentos ao longo dos anos, você considera o vão um espaço importante para a universidade?

Milton: Ah é, não tenho dúvidas. Invariavelmente essas reuniões, de uma forma ou de outra, acabavam sendo lá, até pela facilidade material ali, as próprias rampas acabam sendo uma espécie de, de...

Thais Tavares: Platéia.

Milton: Palco. Sem dúvida, não tenho dúvidas. Quando não é lá é a FAU, isso já é histórico. Não só pelo público, digamos assim, ter a cabeça mais arejada, mas pelo próprio espaço físico das duas escolas ali. Você não pensa em fazer uma reunião, é... de movimentos pelas diretas, sei lá, numa Poli da vida por exemplo, sem preconceito, mas já tendo preconceito. Mas é por aí mesmo.

Thais Tavares: É... eu acho que os modernistas que pensaram nisso estariam muito felizes, estão muito felizes com o resultado.

Milton: A da história e geografia eu não sei, mas o prédio da FAU a proposta foi assim algo que não tivesse portas, tem uma proposta ideológica inclusive.

Thais Tavares: Então, lá na FFLCH, a proposta foi essa também, só que ao longo dos anos, com é, o crescente “aí porque segurança, aí a gente precisa deixar as coisas mais seguras, aí porque estão entrando”, e sei lá, “estão invadindo o nosso espaço” eles fecharam pois o prédio da FFLCH é um grande...

Milton: Túnel.

Thais Tavares: Nas laterais naquela parte alta era pra ser livre não ter nenhum fechamento, mas com o passar dos anos nessa lógica de...

Milton: De murar,

Thais Tavares: “ai tem que ser mais seguro”, eles fecharam com porta de vidro todas essas passagens. Então o único lugar... aberto ainda é...

Milton: é a própria entrada.

Thais Tavares: é o próprio vão. E a parte daqui não é mais também porque tem uma porta de vidro. Sempre uma tentativa de cercar o máximo possível. Mas prédios como esses são muito difíceis de serem cercados.

Milton: Felizmente

Thais Tavares: Sim! É isso, muito obrigada.

Milton: De nada

Thais Tavares: Gostei muito de te ouvir.

ANEXO B - Banco de imagens

Imagem 1 - Sarau do Coletivo LGBT Madame Satan.



Preparação para o Sarau do Coletivo LGBT Madame Satan, organizado por estudantes dos cursos de Geografia e História. Ano 2016.

Fonte: Arquivo pessoal.

Imagem 2 - Vista do prédio da Geografia e História.



Vista do Prédio da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH). 19 de setembro de 2018 Foto: Marcos Santos/USP Imagens.

Fonte: USP Imagens.

Imagem 5 - Centro Acadêmico dos Estudantes da Geografia.



Local onde fica o CEGE, Centro de Estudos Geográficos, assim chamado pois no período da ditadura, medida de segurança pois o nome Centro Acadêmico poderia ser ainda mais um alvo de perseguição.

Fonte: Acervo pessoal.

Imagem 6 - Ato do 8 de março da Rede Não Cala.



Ato do 8 de março da Rede Não Cala, criada pelas professoras da USP. A concentração aconteceu na FFLCH e o bloco caminhou até a frente da Reitoria. Foto tirada em 8 de março de 2016.

Fonte: Acervo pessoal.